



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA

ELDO SAPKAKO XERENTE

**ARTE E ARTESANATO NA ESCOLA INDÍGENA WAIKARNARSE: DIÁLOGOS
COM DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)
2019

ELDO SAPKAKO XERENTE

ARTE E ARTESANATO NA ESCOLA INDÍGENA WAIKARNARSE: DIÁLOGOS COM
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof. (a) Dr.(a) Rosemary Negreiros de Araújo.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

X6a Xerente, Eldo Sapkako.

Arte e Artesanato na Escola Indígena Waikamarse: Diálogos com Docentes do Ensino Fundamental. / Eldo Sapkako Xerente. – Miracema, TO, 2019.

48 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2019.

Orientadora : Dr.(a) Rosemary Negreiros de Araújo

1. Arte-artesanato Xerente. 2. Professores indígenas. 3. Educação diferenciada. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

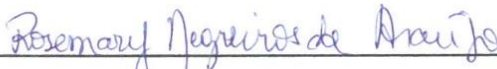
ELDO SAPKAKO XERENTE

ARTE E ARTESANATO NA ESCOLA INDÍGENA WAIKARNARSE:
DIÁLOGOS COM DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Miracema, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciado e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 16/03/ 2019.

Banca Examinadora:



Profª. Drª. Rosemary Negreiros de Araújo, Orientadora, UFT



Prof. Msc. Cícero Valdiêr Pereira, Examinador, UFT



Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho, Examinador, UFT

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus (waptokwazawre), por me guiar e conceder-me esta vitória e esta conquista conseguidas à custa de muito esforço, e também por me conceder sabedoria para enfrentar os percalços que encontrei no caminho da graduação e por ter me colocado neste mundo com muitos desafios a vencer.

Às pessoas de minha família e à minha esposa, Mariza Sikwatadi Xerente, que foi paciente durante toda a jornada do meu curso de graduação e deu-me incentivo para que eu pudesse chegar até aqui. A cada um dos meus filhos e filhas, que sempre me fazem feliz e alegre ao lado deles.

Ao meu pai, Valdir Sitmōwê Xerente, à minha mãe, Jurene Kubadi Xerente, às minhas irmãs, aos meus irmãos, por terem me incentivado e apoiado.

À Escola Indígena Waikarnãse, onde comecei o meu primeiro ano escolar, e à minha primeira professora, Maria Helena Wakrârê Xerente, que até hoje está atuando nessa escola. E ainda quero agradecer todos os professores, professoras e servidores dessa escola Waikanãse, e também toda a minha comunidade da aldeia Salto Kripre e todos os povos Akwê Xerente.

À minha única avó viva, Irani Tpêdi Xerente, aos meus sogros, cunhados, tios tias, enfim, a todos os meus parentes e amigos que estão sempre perto de mim, me respeitam e admiram meus esforços.

Ao corpo docente da UFT/Campus de Miracema, em especial à professora Rosemary Negreiros de Araújo, por ter aceitado o convite para me orientar neste trabalho, e ainda aos professores Francisco Gonçalves e Cícero Valdiêr Pereira, por aceitarem participar da minha banca.

A cada um dos meus colegas do curso de Pedagogia, turma de 2014, pelos grandes desafios junto superados. Aos meus professores, à coordenadora de Curso, ao diretor do Câmpus Universitário de Miracema e à Universidade Federal do Tocantins.

RESUMO

A arte/artesanato é muito importante para o meu povo indígena Akwê-Xerente, por esse motivo seu aprendizado entre nós tem início na infância, o que me conduziu a realizar este estudo, a partir de minha experiência de vida, de como recebi os primeiros ensinamentos sobre arte, entendendo que minha história é a de muitas outras crianças de meu povo, muitas delas hoje são professores/as, que desde cedo observam e começam a imitar o que os anciões e outros adultos, falam e fazem. A arte\artesanato entre nós possui deve ser bela/bonita e utilitária ao mesmo tempo, ela não possui somente caráter contemplativo. A arte indígena traz benefícios positivos para o povo Akwê, inclusive para sua própria imagem enquanto comunidade indígena. Este estudo contou inicialmente com a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, através de um roteiro de entrevista aplicado diretamente com os/as professores/as, sendo um total de quatro, dois professores e duas professoras. Utilizei-me ainda de desenhos feitos por mim e pelas crianças da escola. Os ensinamentos da arte (e outros conhecimentos) eram repassados no Warã, que teve sua forma tradicional suprimida e deu lugar a outros sistemas de aprendizagens, dentre elas a escolar. A escola da aldeia para alcançar os padrões de educação indígena diferenciada, em sintonia com a comunidade, quanto ao respeito a cultura e tradição, deve levar em consideração alguns critérios, como os que identifiquei no PPP da escola Wakômekwa, da aldeia Riozinho, com respeito a língua Akwê, cultura, tradição e modos de vida, garantindo que a alfabetização seja na língua Akwê, seguida pelo ensino da língua portuguesa, e a participação de anciões para assegurarem a transmissão dos conhecimentos tradicionais através da oralidade e observação, ainda em respeito aos modos de vida, a vivência junto ao trabalho na “roça de toco”. Outros modos de vida incluem atividades que contam com a participação da anciã (mulher pikõ), especificamente para as mulheres, onde serão transmitidos os conhecimentos tradicionais da mulher Akwê através da oralidade e observação. Dessa forma, o encontro entre o cotidiano da comunidade e a escola, como espaço formal de aprendizagem, é fundamental para aprender sobre nossa arte, se apropriar dela, para levá-la a frente como sinônimo de beleza, resistência e existência dos povos indígenas.

Palavras-chave: Arte-artesanato Xerente. Professores indígenas. Educação diferenciada.

WASKU KRTURÊ

Akwê nîm kmâkwamârî wa ñnîm akwê-Xerente mã, psêdi, tanê nmê akwê, tô aikte re hawi, za aiõ akwê nîm kmâkwamârî tkrê kmâkwamâr mnõ waihku, tanê nmê wat ñsimã smîstu, tâkãhã danîm romkmãdkã nã aimõ kmã ñt kuikre da, are tô aikte re hawi akwê nîm kmâkwamârî ñt kmâkwamâr waihku mnõzep hawi waza kuikre, are tô wa ñwtêsi kõdi. Tô kbure akwê aikte re hawi za aimõ akwê nîm kmâkwamârî tkrê kmâkwamâr mnõ waihku, saktê zawre akwê, aikte re hawi, akwê nîm kmâkwamârî tkrê kmâkwamâr waihku mnõ, tâkãinnî tô damrowahtukwa, are tâkãhã nõrî, damrowahtukwai nõrî, tô aikte re hawi ñptokrta tkrê rowahtu mnõze tet aimõ tkrê wapar pêskw, are teto aimõ krsikwanîkw tkrê kmã krãñistu psê kba mnõ pibumã. Are akwê nîm kmâkwamârî wê ktabdi are dure psêdi, akwê nîm kmâkwamârî tare dat kmã sõpre mnõ pibumã, nõkwa tê kmãnãr kõdi. Tô aimõ mãr pibumã si za nõkwa kmãnã, akwê nîm kmâkwamãrzem hawi za nõkwa akwê Xerente nã aimõ dat waihuk. Tãkãhã ñt kuikre, tô akã hêsuka ñt krsanãmr mnõzep hawi wat romkmãdã ñt kuikre are tapari tô dure ssakrui mnõ mba akwê ñt krsdanãr mnõzep hawi, wat romkmãdã ñt kuikre, tõtãhã ñt krsdanãr mnõ, ssakrui mnõ mba, tô damrowahtukwai nõrî, ponkwanê ambã kãtõ dure ponkwanê pikõ wat nês ñt sdanãr. Are dawawizem nã wat dure ññpi. Wañtê ñwawizem nã kãtõ dure aikte wawizem nã. Akwê kmâkwamãrze kãtõ aimõwi hã romkmãdã, ahãmre tô Warã wa za aimõ aikde dat krtmã rowahut. Are tâkãñni, tô aimõwi ñtmã rowahtu mnõze. Bûkã, Escola nã dat krwamtrê mnõ krsimîkwra mnõ nã. Danmî rowahdu, akwê zakrui mba, ñkwañm mba tô aimõwi snã dat krdam rowahtu mnõ pibumã, akwê nîm romkmãdkã nã, bûkõ, ssakrui Kakumhu wam hã damrowahtuze Wakõmêkwa dat krwamtrê mnõ. Tazi za akwê nîm romkmãdkãzem nã kãtõ dure ñptokrda trê rowahtu mnõzem nã dat krdam rowahut, tanê nmê, akwê Xerente mba, dat krdam rowahtu mnõ psê pibumã, ñpê tô akwê mrmêzem nã kãtõ dure akwê nîm romkmãdkãzem nã kãtõ dure ñptokrda tkrê rowahtu mnõzem nã dat krdam rowahtu mnõ si, akwê mrmêzem nã dat krdam rowahtu parim si, za aimõ ktãwankõ mrmêzem nã dat krdam rowahut, are damrowahtukwa za dure wawê nõrî, ñptokrta nõrî, saiãhã, hêsukazanãmrkwai nõrî akwê nîm romkmãdã tô damrmê snã tkrê rowahtu mnõ pibumã, are dure ahãmre hã akwê bru tê hrizem nã za aimõ ñptokrta nõrî hêsukazanãmrkwai nõrî ñkwañm mba tkrê tmã rowahut. Are damrowahtukwa za dure pikõ si wawê saiãhã, pikõ nîm romkmãdã hêsukazanãmrkwai sñ pikõ ñõrai mã tkrê rowahtu mnõ pibumã, tazi, tô damrmê snã, hêsuka knã, za aimõ akwê sñ pikõ, prê snã, pikõ nîm romkmãdã ñsnãkrta hawi hêsukazanãmrkwai sñ pikõ ñõrai mã tkrê wasku psê mõn. Tãkãnê wam si, za aimõ ktãwankõ nîm rowahtuze akwê nîm rowahtuzem nã

krsikmākwaimrām pēs, kǎnē mnōzem mba, ãpê tô waĩnmĩ kmākwamãrĩ wat krwaihku mnō si are wat krkmākwamār mnō si wamhuire snã. Akwē kmākwamãrĩ tô psê nmē are dure tô waĩtê nmē, ãsnãkrta hawi.

Darmē ktabi: Akwē nĩm kmākwamãrĩ. Akwē Damrowahtukwa. Aimōwi snã damrowahtuze.

ABSTRACT

Art / crafts is very important for my Akwê-Xerente indigenous people, so their learning among us begins in childhood, which led me to conduct this study, from my life experience, how I received the first teaching about art, understanding that my story is that of many other children of my people, many of them today are teachers, who early observe and begin to imitate what the elders and other adults say and do. The art \ craftsmanship we possess must be beautiful / beautiful and utilitarian at the same time, it has not only contemplative character. Indigenous art brings positive benefits to the Akwê people, including their own image as an indigenous community. This study initially had bibliographic research and field research, through an interview script applied directly with the teachers, being a total of four, two teachers and two teachers. I also used drawings made by myself and the school children. The teachings of art (and other knowledge) were passed on in Waran, which had its traditional form suppressed and gave way to other learning systems, including the school. The village school to meet the standards of differentiated indigenous education, in tune with the community, regarding respect for culture and tradition, must take into account some criteria, such as those identified in the PPP of the Riozinho village Wakômekwa school, with respect Akwê language, culture, tradition and ways of life, ensuring that literacy is in the Akwê language, followed by teaching the Portuguese language, and the participation of elders to ensure the transmission of traditional knowledge through orality and observation, while respecting ways of life, the experience with work in the “field of stump”. Other ways of life include activities involving the elder (woman pikõ), specifically for women, where the traditional knowledge of Akwê woman will be imparted through orality and observation. Thus, the meeting between the daily life of the community and the school, as a formal learning space, is fundamental to learn about our art, to appropriate it, to take it forward as a synonym of beauty, resistance and existence of indigenous peoples.

Keywords: Xerente art-craft. Indigenous teachers. Differentiated Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Confecção de peças em buriti – aldeia Salto Kripe em 2008	17
Quadro 1 - Artefatos indígenas descritos na língua Akwê Xerente	18
Desenho 1 - Pinturas corporais do povo Akwê-Xerente	31
Desenho 2 - Desenhos de crianças da aldeia Salto Kripé.....	33
Quadro 2 - Critérios para respeitar a cultura do povo Akwê no ambiente escolar.....	35
Desenho 3 - Representação da colheita de buriti e confecção de artesanato.....	43
Figura 1 - Calendário anual de atividades dos Xerente	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A ARTE INDÍGENA E O POVO AKWÊ-XERENTE	16
2.1 A importância dos artesanatos	29
3 A ESCOLA INDÍGENA WAIKARNÃSE E O ENSINO DA ARTE	31
4 EPÍLOGO: A COLHEITA DO BURITI: MODOS DE FAZER E ENSINAR	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

A arte é considerada universal, na medida em que todo povo tem sua arte, porém é também específica quando se refere a um determinado povo. No caso dos povos indígenas, cada etnia tem sua arte, como os Akwê-Xerente, povo a que pertencço e que possui uma arte bastante diversificada e valorizada. Sendo a arte muito importante para nosso povo indígena, seu ensinamento-aprendizado tem início na infância e continua na adolescência e na vida adulta, por isso considereei importante iniciar este trabalho rememorando minha infância e relatando como se deram meus primeiros contatos com nossa arte, pois sei que falando de minha história outras crianças de meu povo também se identificarão com ela.

Por que estudar a arte indígena? Como a arte ajuda a contar a história do meu povo? Qual o lugar da arte na escola indígena? Essas foram algumas das questões que me motivaram a definir a arte na escola indígena como tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pegagogia. A palavra arte contém muitos significados, que vão desde dimensões mais abstratas como a criatividade e a capacidade criadora do espírito humano, até dimensões mais materiais como o modo de fazer algo, o produto dessa atividade criadora, ou seja, as obras de artesanato, o objeto em si. Entendo que para o meu povo a arte expressa formas de ver, nomear e representar o mundo. É, portanto, parte de nossa cosmologia, de nossa cultura imaterial e material.

Confeccionada tradicionalmente com fibra de buriti, madeiras, sementes e penas de aves, a arte Xerente é milenar, por isso tem uma grande importância para nós, como se fosse nossa marca, um dos aspectos definidores de nossa identidade. Os Akwê são falantes da língua Akwê-Xerente e também do Português, nossa segunda língua. Na minha infância, aprendi as primeiras palavras em minha língua, a primeira língua com minha mãe, daí o termo língua materna. Em casa, ainda novinho, comecei a socializar com as outras crianças, através das primeiras palavras e também das brincadeiras. Desde cedo aprendi também palavras da língua portuguesa com minha avó paterna. Não sabia o que significavam, mas mesmo assim gostava de pronunciá-las. Com o tempo, fui aprendendo aos poucos o significado das palavras.

Ainda sobre a minha relação com a língua portuguesa, foi um processo complicado para chegar até onde cheguei, aprender a escrever as palavras, entender o seu significado e sentido e o lugar das frases nos textos. Isso é muito comum com grande parte dos Xerente, pois se trata de uma língua estrangeira para nós, mesmo sendo a língua oficial de nosso próprio país. Uma relação difícil para nós, que temos nossa própria língua, cosmologia, cultura e nossos modos de vida, aspectos que implicam diretamente em nossa forma de produzir arte.

Como uma criança bastante esperta, eu era muito curioso para saber das coisas que os mais velhos diziam e faziam. Muito observador, logo cedo percebi que o que os mais velhos falavam e faziam eram coisas importantes, dentre elas a dança, o discurso, a corrida de toras, quando tinha a festa Dasipê. Também observava a produção de artefatos como a borduna, o arco e a flecha, e também outras peças como cofo de diversos tamanhos, os balaios e as peças ornamentais em capim dourado. Eu contemplava e gravava aquilo. Apesar de gostar muito de brincar com as outras crianças, observava os adultos de minha família confeccionando peças e assim ia aprendendo.

A minha vida com a minha família sempre foi de união. O diálogo e o ensino de sabedoria vinham em primeiro lugar, o que resultou no aprendizado do respeito ao próximo. Nesse sentido, meu pai e minha mãe sempre enfatizavam sobre a importância do respeito, assim como do papel da vida escolar, e o incentivo ao estudo. Isso foi positivo e refletiu em minha formação, através da continuidade de meus estudos.

Na infância, eram comuns as brincadeiras improvisadas com o que tinha na aldeia, pois eram poucos os brinquedos que chegavam da cidade. Então, mangas viravam boi e vaca, e o arco e a flecha eram confeccionados por nós (crianças) em madeiras próprias, não tão bem como os adultos faziam e fazem, mas era uma imitação em miniatura do que os adultos produziam. Na produção dessas imitações, estávamos exercitando a observação e a reprodução de objetos que carregam toda uma simbologia sobre a vida do nosso povo. Isso demonstra que há um processo de aprendizagem durante a confecção da arte indígena e, embora esse aprendizado se dê no cotidiano da aldeia, é algo que deveria ser ensinado nas escolas, para que todas as crianças indígenas tenham acesso a esse conhecimento, tão importante para nosso povo.

Até aqui falei de minha vida na infância e como se deu o meu aprendizado em família. Até eu ir para a escola, aprendia somente em família e no convívio da aldeia. Iniciei meus estudos da educação escolar em minha aldeia, mas também em Salto Kripe, na Escola Indígena Batêkdu, que depois recebeu o nome de Escola Indígena Waikarnãse. Quando comecei a estudar, minha família morava numa roça próxima aos rios Tocantins e Piabanha, que ficava a uns dois quilômetros de distância da aldeia Salto, de modo que eu percorria a pé o trajeto até a escola da aldeia. Um ano depois, meus pais resolveram mudar para a aldeia e ficou melhor para eu estudar. Na 5ª. série do Ensino Fundamental, passei a estudar no Colégio Frei Antônio em Tocantínia.

Importante mencionar que nas escolas por onde passei lembro-me de ter tido contato com a arte Akwê-Xerente apenas através de sua representação, por meio de desenhos. Essa

lembrança me faz pensar sobre o motivo de a arte Akwê ser tão pouco representada na escola. Se a arte ensina, se a arte conta a história do nosso povo, se a arte deixa os espaços mais bonitos, se a arte é festa, por que ela não está em todos os lugares da escola, representada de diversas formas? Em uma escola indígena, a arte deve ser lugar de partida para ensinar-aprender, para fortalecer nossa cultura entre as crianças e os jovens, para ser lugar de diálogo entre os mais velhos e a nova geração.

Nesse contexto, o presente trabalho procura compreender melhor o papel da arte na escola indígena. Como professores e professoras podem fazer uso da arte para ensinar sobre nossos sistemas culturais. Como a cultura material, os objetos e rituais que produzimos podem sensibilizar as crianças para a importância de cuidar da nossa cosmologia. O trabalho busca, então, responder a pergunta: Como a arte indígena pode colaborar para a produção e circulação de conhecimentos sobre os Akwê-Xerente a partir da escola?

Para encontrar resposta para esse questionamento, escolhi a partir de minhas memórias sobre como a arte começou a fazer parte da minha vida desde a aldeia até o ambiente escolar. Essa escolha situa minha presença no objeto estudado, apontando uma aproximação entre vida e trabalho, como propõe Mills (2009), e a importância da memória como modo de pensar o passado, presente e futuro.

porque o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva (BOSI, 2012, p. 3).

Para alcançar os resultados obtidos em meu TCC, trilhei caminhos para chegar até aqui. Importante lembrar que inicialmente o meu tema seria abordar os mitos e seu papel na escola indígena. Fiz leituras e elaborei um projeto com essa temática e, no decorrer das leituras, deparei-me com o tema das artes, artesanatos e sua importância para o meu povo e vi o quanto poderia dedicar-me mais com relação ao seu ensino na escola, considerando que já é ensinado nos lugares tradicionais da vida em família na aldeia. Estou ciente que as leituras sobre os mitos e a cultura em geral me serviram de inspiração e de base teórica para chegar ao meu tema.

Assim, este trabalho contou inicialmente com a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, em que foi utilizado um roteiro de entrevistas aplicado diretamente a quatro participantes, dois professores e duas professoras. Foram utilizados ainda desenhos feitos por mim, contendo representações sobre a confecção de artesanatos, a partir de meu olhar, e também desenhos das crianças da escola. Nesse sentido, a minha vivência enquanto Akwê foi

fundamental para minha pesquisa, facilitando o meu acesso à escola, aos professores, bem como aos mais velhos.

No capítulo introdutório, fiz um exercício de memória sobre minha vida familiar e meus contatos com a arte indígena de meu povo e rememorei os ensinamentos da arte em família e da relação com essa na escola. No segundo capítulo, abordo a arte indígena entre o povo akwẽ-xerente. O terceiro capítulo é dedicado à abordagem do ensino da arte na Escola Indígena Waikarnãse. No capítulo quatro, elaboro um epílogo sistematizando o processo de colheita do buriti, a partir de conversas com os mais velhos, como minha mãe. As considerações finais a que cheguei a partir da pesquisa compõem o quinto capítulo.

2 A ARTE INDÍGENA E O POVO AKWĒ-XERENTE

A aldeia Salto Kripe está localizada a 18 km da cidade de Tocantínia. É considerada a mais populosa da região, juntamente com a aldeia Porteira. Cada uma das aldeias citadas é composta, aproximadamente, de 400 pessoas. A proximidade com a cidade de Tocantínia facilita o acesso aos ônibus que transportam alunos para o Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (CEMIX) e o Colégio Frei Antônio, em Tocantínia, como também aos ônibus que trazem alunos das aldeias do entorno para a escola local.

Até a década de setenta do século XX, a área da aldeia Salto Kripe era ocupada por fazendeiros. Após a demarcação, o território atraiu moradores de outras aldeias para o plantio de arroz, tornando-se importante celeiro desse grão. Segundo depoimento de Valcir Sumêkwa Xerente, os primeiros moradores do lugar chegaram por volta de 1982, o Sr. Deoclides Simsari Xerente e a esposa, Waikwadi Xerente. Mas o espaço só foi constituído como aldeia em 1989 e fundada em 1993 (MEDINA, 2013).

A criação da aldeia se deu através da vinda de duas famílias, uma da aldeia Cercadinho e outra da Porteira, que abandonaram suas origens devido a discordâncias e conflitos internos. Atualmente, segundo o cacique, na aldeia Salto existem famílias da aldeia Bela Vista e de outras aldeias mais antigas e sempre chegam famílias de diversas aldeias. Entre os anos de 1997-1998, no governo do Siqueira Campos, foi realizado nessa aldeia um projeto de Aldeia Modelo, em que foram construídas casas para essas famílias e a escola, com a participação do estado (LIMA, 2016).

De acordo com Medina (2013), a aldeia mantém grande fluxo de projetos e por isso recebe pesquisadores, professores, estudantes universitários, colegas dos estudantes indígenas, visitantes curiosos pela cultura Akwê, compradores de artesanato do capim dourado, além de vendedores ambulantes. Além disso, nela existe serviço de mototáxi, que leva e traz moradores da aldeia para a cidade. Tudo isso concorre para o movimento diário no local (MEDINA, 2013).

A convivência dos Xerente com não indígenas ocorre há mais de dois séculos (OLIVEIRA-REIS, 2001), tendo se intensificado pelo fato de habitaros próximo à cidade de Tocantínia, a 70 km de Palmas, capital do estado. Quem vive na aldeia faz compras diárias, e por isso a área indígena Xerente possui movimento de motos, carros, bicicletas e até mesmo de pessoas que andam a pé. Muitos de nós vendemos artesanato numa feirinha improvisada em Tocantínia e trabalhamos em atividades como as de pedreiro, capinador de roças, dentre outras. Um grande número de jovens indígenas se desloca para Tocantínia para estudar.

Nesse sentido, a sobrevivência dos Akwê não é mais voltada somente para o que vinha da terra, do rio, da mata e, principalmente, da roça de toco, onde os mais velhos plantavam milho, arroz e mandioca e também trabalhavam com palhas de babaçu e sementes do cerrado. Devido à escassez da fauna e flora, há os proventos advindos de aposentadoria dos mais velhos e de pensão por invalidez, além de serviços prestados ao estado, na própria aldeia, como professor, agente de saúde, vigia de escola, merendeira, encarregado do abastecimento de água.

Mas o que envolve praticamente todas as famílias é uma nova fonte de renda e sustentabilidade: a produção de artesanato com capim dourado. Essa atividade ganha força entre os anos de 2002-2009, período de execução de projetos de autossustentabilidade como piscicultura, criação de galinhas e de gado, roça com orientações técnicas e apoio no resgate e registro da cultura Akwê. Esses projetos foram realizados no contexto do Programa de Compensação Ambiental Xerente (Procambix), resultado das negociações com a Investco, empresa responsável pela construção da Usina Hidroelétrica Luis Eduardo Magalhães, em Lajeado.

Boa parte desses projetos não obteve êxito, pois as ideias deles vieram de fora, de uma realidade externa à realidade indígena, sem consulta ao nosso povo. Mas um desses projetos, voltado para a cultura e as mulheres, deu frutos e possibilitou a realização de oficinas com as mulheres indígenas para a confecção e a troca de ensinamentos da arte Xerente. Abaixo, as fotos ilustram o momento em que se deram as atividades, na aldeia Salto no ano de 2008, demonstrando o processo de confecção das peças em buriti.

Foto 1 - Confecção de peças em buriti – aldeia Salto Kripe em 2008



Fonte: Arquivo pessoal de Rosemary Negreiros de Araújo, 2008.

Projetos como esse e outros foram importantes para o meu povo. Aliás, com o esgotamento de fontes financeiras devido à perda das vazantes dedicadas ao plantio, após a

construção da UHE de Lajeado, houve reivindicações para que alguns desses projetos continuassem.

Após me identificar com o tema da arte indígena Akwê, passei a observar ainda mais o que sempre foi muito comum para mim: ver pessoas de meu povo, de minha aldeia, coletarem o material apropriado e depois confeccionarem as peças que recebem hoje o nome de artesanatos, com muita arte e beleza.

Sobre a arte indígena, apresento a adaptação dos textos de Gilberto Xerente (aldeia Funil) e de Rosalina Sibakadi (aldeia Porteira), na língua Akwe, sobre os artesanatos Xerente (Quadro 1). O texto destaca a importância de nossa primeira língua para o nosso povo, uma vez que a língua materna é determinante para a manutenção da tradição, constituindo a matriz de nossos costumes, de nossa cosmovisão, já que é por meio dela que se propaga tudo o que é ligado à tradição – os mitos, os rituais, os cânticos, os discursos, as práticas e os plantios (ARAÚJO, 2016). Então, a arte em si, que ocorre no cotidiano, é cultura e não está fora dessa relação. O texto que segue apresenta os materiais e o modo de fazer boa parte de nossos artefatos indígenas.

Quadro 1 - Artefatos indígenas descritos na língua Akwê Xerente

<p>waptâ</p>	<p>Waptâ tô ahâmre hawi aimõ wahikwa nõrĩ tkrê kmã kwamâr tô tâkãinĩ aimõ adu sikutõr kõdi. Tôtahã tetõ siptê snã khêm̃ba wanõr mã aimõwi wanĩptê psê pibumã wanĩm romkmãdkã wat prê pibumã waza kmã wasimãzus psên. Ahâmre Akwê nõrĩ tô nwa stõ dasi za ku waptâ kmãnã kãtõ dure nmõmõ wahtu wa za sipra du tô nmã zim si krmrõ mnõ kõnmê, kãtõ dure nwa damrõ pibumã za waptâ psê nêhã kmê kmãnãr dat sô hri da. Ahãmã za ku dure waptâ nã dadkã kuikãsn dat srê pibumã tanê snã ku aire romkmãdkã krãikrat are tokto mãtõ tâkãinĩ romkmãdkã aimõwi khêm̃ba. Waptâ dat kmãnãr pibumã za nõkwa ssui waĩpo kmê nhã sdarã hawi are iwaĩpo za pok are isrõ za wazu tapari za iwaĩpo bbarit are tokto nõkwa kmê kmãnã. Tanê hã danĩpi wanĩm aikte mã wat krwasku mnõ wa zatõ aimõwi kmã spok puk wasi wi wat rmê kõ pibumã rowahtu zem mba aimõ wat tmã sakra pês nhanê snã nõkwa kmã sipi mnõ ze. Tãkã nêhã rom waihku waza wanĩm wapterm mã wat krsa kra tô tê waihku psê mnõ pibumã, tâkãinĩ za danĩpi nõkwa kri kãhã ku du ktãprezum zõ are tãkã nêhã danĩpi tô dure krwa prê pibumã nhanê krwahêm̃ba mnõ zezakrui mnõ pã</p>
<p>Siknõ</p>	<p>Siknõ Tô ahâmre hawi tetõ aimõ wahikwa nõrĩ tkrê wam wasku tãkã hã danĩpi siknõ nãhã nhanê kmã danĩpi mnõ ze are tâkãinĩ mãtõ aimõwi ro krhêm̃ba wawai bba siwam si kõdi tokto tô siprare snã krsnĩ kwar rom kmãdkã wazakrui mnõ pã.</p> <p>Siknõ za ssu waĩpo nã kmãnãrn tô rom dur zem pibumã za nõkwa kmãnã, tô ahâmre hawi dat kmã kwamâr ro tkrê nwa kwasar pibumã nmõmõ wahtuwa, krikahã ku tê dur pibumã za nõkwa kmãnã, Siktõ krtabi za nõkwa ssui wara nã kmãnã are ikamõi nõrĩ tô ssui waĩpo nã za nõkwa kmê kmãnã Siktõ nrĩrê kãtõ Siktõ kuzuirê.</p> <p>Siktõ nrĩrê za sbo sda kmãnãrn tê kmã sdãm pibumã, Siktõ nrĩrê wa za ku ahâmre hã Akwê nõrĩ kra nwa du nmõmõ wahtu wa tâkãinĩ mãtõ tanê hã sikutõr, kãtõ skrã za dure nõkwa ssui wara nã kmê kmãnã tahã tô nõkwa top kuzui snã za kmê kmãnãrn tô mãrĩ tê nwa smê pibumã aikuwa hawi thê kãtõ</p>

	<p>kbazêiprâi nĩ.</p> <p>Tâkã danĩpi tũ wanĩptũ wat kmã prẽ pibumã kãtũ dure wanĩm aikte mã wat tmã wasku pibumã nhanẽ dat kmãnr mnũ ze, tũ kbure waza wat tmã sakra pẽs tũ rowahtu zem bba aimũ rowahtu kwai nũrĩ zatũ tkrẽ tmã wasku pẽs, tũ wanũr tũ nmẽ za tãkãhã danĩpi aikte nũrĩ tũ waihku pẽs, nhanẽ kmã wa hẽmbba mnũ ze wazakrui mnũ pã.</p> <p>Siktũ wa tũ ahãmre hawi aimũ dat kmã kwamãr ro dat nwa dur pibumã, dazakrui kamũ ku krda wa rbe mnũ nmẽ Siktũ tkrẽ kmã kwamãr sim ro tkrẽ nwa kwasar pibumã tãkãnr snã aire rom kmãdkã khẽmba dazakrui mnũ pã.</p>
<p>Wakro wdẽ</p>	<p>Kãhã danĩpi tũ wakro wdẽ nãhã tetũ aimũ wahĩkwa nũrĩ Ahãmã hawi kmã sipi bukã adu wat kmã dkã mnũ nã tetũ khẽmba wazakrui mnũ pã, Ahãmã ku tũ wakro wdẽ nã za kbazêiprã dat krsmrũ aikuwa mba kãtũ tpẽ dat kmã smrũi pibumã dure psẽd kãtũ dure nõkwa kmã siwam zui pibumã aikuwam bba tanẽ nmẽ waza tãkãhã danĩpi wakro wdẽ nãhã aimũ ,waza kmã wanĩn wazakrui mnũ pã tũ kmã wa hẽmba mnũ ze hawi, za tũ dure tãkãhã danĩpi wakro wdẽ nõkwa kri kãhã ku du.</p> <p>Wakro wdẽ nõkwa tũ kmẽ kmãnr da za wakro sda kapok are tapari za kukri are tũ nwa hri psẽ wi za sazã are tapari za ssui wãpo sda kmẽ nhã are wazu ãsrũ zũ are kwamnrũ bbarit sdakro wa tapari mãtũ sda kanũr mãtũ tũ kmã wasis are tokto za nõkwa tki zũ mũ are sda kanhã tũ ãwamhui psẽ nẽhã si sda kanhã are tapari za smĩ sdar pi tũ nwa sakra tki wa wra psẽ pibumã are bru tum pko nã za ãkrẽkwa sda kmã nrn tapari mãtũ tpẽs nõkwa tkrẽ kãr pibumã aikuwa mba kãtũ dure tpẽ zũ ,kãtũ dure kmã siwam zui pibumãtũ wazakrui mnũ pã waza wat kmã dkã pẽs tãkãhã danĩpi wakro wdẽ nãhã are dure krwa sipsẽ mnũ ze wat kmã prẽ pibumã.</p>
<p>Patro</p>	<p>Patro Kãhã tũ patro, tetũ aimũ wahĩkwa nũrĩ Ahãmã hawi tãkãhã danĩpi nã krsipi tũ sim ro tkrẽ nwa smẽ pibumã za nmãhã kmẽ kmãnrã patro wa za ku dure sikunmũ ze tkrẽ nwa smẽ pibumã Ahãmã ku tũ ãpto krta si za tãkã nẽhã danĩpi tkrẽ kwape.</p> <p>Kãnr hã danĩpi nõkwa tũ kmẽ kmãnr da za ssui wãpo sda kmẽ nhãare tapari za kwatẽpo zũ wazu mãtũ bbarit sdakro wa kre pibumã, are tapari mãtũ kmã sbirã tũ nha btã za kmã tinẽ tũ kmã wazrẽ pibumã, tũ tapari za si snã sasũ tkrẽ dur pibumã dawai bba dazakrui kamũ bba.</p> <p>Are tãkãinĩ mãtũ tanẽ hã danĩpi aimũ tprãr rẽ tũ dazakrui mnũ pã akrnẽ kmã wasimãzus psẽn tãkã hã tũ wanũr tũ hã aimũ krwa sipsẽ mnũ ze wat kmã prẽ pibumã waza dure wanĩm aikte mã wat tmã wasku pẽs nhanẽ kmã danĩpi mnũ ze tũ aimũ adu kmã wasi kmãdkã mnũ nmẽ waza tãkã hã patro nãhã danĩpi wat krsawi akrnẽ rowahtu zem bba dure wat wasku nhanẽ snã tãkã hã danĩpi tẽwa waihã wazakrui mnũ pã, tũ dure krwa prẽ mnũ pibumã kãtũ wammẽ prẽ snã wasi wasku pibumã krwa hẽmba mnũ ze wazakrui bba.</p>
<p>Kuiro Kãtũ kupsdi</p>	<p>Aimũ Akwẽ nũrĩ krsikahãr krsikwape mnũ wa,nõkwa kuiro nã dat prke wa kwakr ze krtabdi kãtũ dure nõkwa dat kmã kazãr psẽ wa za thãze kuiro tũ dasikwape ze, kuiro za nõkwa wakro nã kãtũ brutu wdẽ pko za kmẽ kmãnrn kãtũ dure mrãr pra wim hã raksẽ wdẽ pko nã za dure kuiro kmẽ Kuiro kãtũ kupsdi, Kãhã danĩpi tũ kuiro nãhã tũ ahãmre hawi aimũ Akwẽ nũrĩ kmã sipi kuiro nãt kmãnrn.</p> <p>Kupsdi tũ raksẽ wdẽ nã za nõkwa kmẽ kmãnrã tũ krãr zapto awre snã za nõkwa kmãnrã, ahãmã Akwẽ nũrĩ tetũ dure kupsdi nã krsikwape, kupsdi nã za ku nõkwa dure kbazêiprã kmã kmẽ wĩ are kupsdi tũ dasiwam zui ze aikuwa mba nõkwa krmũr wa, kãhã sahure kuiro kãtũ kupsdi tũ Akwẽ siwam zui ze tetũ aimũ adu khẽmba dazakrui mnũ pã.</p> <p>Tãkã hã sahure tetũ adu ãpto krta nũrĩ kmã hẽmba wazakrui mnũ pã aimũ dazakrui mba krda mrũ mnũ wa za wawẽ nũrĩ kuiro re rom krẽptãk kãtũ dure rom kmãdkã simã tkrẽ wasku mnũ wa ãpto krta nũrĩ dasi krẽkrtũ ze mba.</p>

Kbazdikrê	<p>Kâhâ tô kbazdikrê are tâkâ danîpi za nôkwa kwamnrô nã za nôkwa kmê kmânã,kâhâ danîpi dat kmânâr pibumã za sdarã ku ssui waïpo zô mô are sda kmê ta are tapari za ssui waïpo ãsrô zô wazu tahã tô kwamnrô are bbarit sdakro wa kre pibumã are tokto za kwamnrô sda kanôr tê sda kanrô pari za tokto ãpra kmã sbirã are amô za tê pra pês are tê pra par wi za dure aipã ãsrô kmã krê wa tahã tô tê kmã krãinïstu psê pibumã are tokto tê krãi krta wassi pês.</p> <p>Kbazdikrê dantô zem pibumã psêd za nôkwa simã skazdi wdê nrô nã kripra mba tahã tô ku dantô ze, tanê hã danîpi kbure dam wihku kôd are tô Akwê kmã sipi tâkãhã danîpi nã kbazdikrê dat krwa wamtrê mnô tetô aimô dazakrui mnô pâ kmã danîpi aimôwi, tâkãhã danîpi zatô dure nôkwa kri kahã krdu</p>
Kupãri	<p>Kâhâ danîpi tô kupãrî nãhã tetô aimô pikôï nôrî tkrê kmã kwamâr dazakrui mnô pâ, kâhã danîpi za nôkwa ssui rê waïpo nã za kmê kmânã, sdarã hawi za ssui rê sda kmê ta are tapari za ssui rê pok are kmã sbirã kupãrî, are tokto bbarit kre pibumã are btã kamôï ku za dure aipã simã kã tahã tô tê kmã krãinïstu pibumã.</p> <p>Kupãrî nã za nôkwa kuzã kmã waipã, tahã dure psêd kmã dasiwai pãr pibumã tâkãhã danîpi tetô aimô khêmba dazakrui mnô mba tetô adu dat kmã kwamâr.</p> <p>Tô wanôr tê nmê waza kmã wasi mãzusn, tô wanîm aikte mã waza wat tmã wasku tô adu krhêmba mnô nmê wawaimba twi waihku sikutôr kô pibumã waza wat tmã sakra rom krãikrta tô adu wat kmãdkã psê mnô si wazakrui mnô pâ.</p>
Kukrêrê	<p>Kukrêrê Kâhã danîpi tô kwamnrô nã za nôkwa kmã nîpi tetô aimô Akwê kmã sipi kãnê hã nôkwa tê kmânâr da za ssu sda kmê nhã sdarã hawi are tapari za ssu pok are ãsrô zô wazu are mâtô kwamnrô bbarit kre pibumã, kre pari za ssuirã pibumã hi are ssuirã psê wi za tokto kmã kazapuk tô kwamhi nã za nôkwa kmã kazapuk tahã danîpi tô kwamnrô nã si za nôkwa kmã nîpi, are dure nôkwa kmã krãinïsut.</p> <p>Kukrêrê za dure nôkwa satki snã kmê kmânã tanê pibumã za kwamnrô zupapre nã tê pte are tapari za kmã kazapuk tô kwamnrô nrô rã nã za tê kmã wazar,are ãkuzerã nã za dure nôkwa kwamnrô tê kûmto are mâtô dure kmã nîpi tô ãkamôï nê za kmã nîpi.</p> <p>Kukrêrê tê kmã nïstu psê pibumã za ãsdãm ze sda kmânã tahã tô kwamnrô nã za dure kmânãrn are wdê nrô sda kanôr tahã tô ãskwasdi ze, kwamnrô nã dure tahã ãkmânâr ze, tâkã hã danîpi tô ãstô ku dat krãinïstu pibumã, tâkã hã danîpi tô aimô wat kmãdkã psê mnô wa psê krtabd, wanîm wapte nôrai mã wat wasku mnô pibumã kãtô wanîm aikte aimô rowahtu ze mba wat tmã waihku nômr tô aimô wat tdêkwai nôrî kmã sipi mnô nmê za akrnê rowahtu ze mba rowahtu kwai nôrî tkrê tmã krãkrat kmã dkã psê mnô da wanîm rom kmãdkã krhêmba mnô nmê adu wazakrui mnô pâ kãtô dure dazakrui mnô pâ.</p>
Kni	<p>Kâhã danîpi tô brutu pko nã za nôkwa kmê kmânã,tê kmânâr da za brutu sda kapok are tê kapko pari za kmã sbirã tê kmê kmanâr da dazi tô sipkê nã za nôkwa kmê kmânã ãsawre ãsrurê, knî nôkwa tê kmê kmânâr pibumã za brutu pko sda kukri tô tê nwa hri psê wam si za sazã are tê kmã krãinïstu psê pari za tê sakit wabu hã nã.</p> <p>Knî nãt ahãmã Akwê nôrî krsi wamzu, are dure kmã krsikwape ahãmã tetô dure aimô kmã si kmãdãk tô waihku snã dazakrui mnô pâ aimô kmã hêmba tâkãinî mâtô aimô kprãrê tô nôkwai wtê si za adu knî kmê kmânã.</p> <p>Are tâkã nêhã danîpi tê kmânâr pibumã zatô bdã kmã tka hã azanãrê kôd, tô kmã wahêmba mnô nmê waza kmã wasimãzus psên tô wanôr tê nmê wazakrui mnô pâ adu khêmba are psêd tâkã danîpi akrnê rowahtu ze mba wanîm wapte kãtô dure aikte nôrai mã tmã waskun tahã tô rowahtu kwai nôrî za aimô ãpto krta nôrai nîm romkmãdkã akrnê tkrê tmã wasku tô wat</p>

	<p>krsawi si mnõ si tô dure wanõr tê nmẽ kmã wasi wamtrẽ psê mnõ da wazakrui mnõ pâ kãtõ dure dazakrui mnõ pâ twa tâkã nẽ snã waza aimõ wanĩm Akwẽ nõrai mã wat tmã sakra rom krãi krta wasi ttê hã wawai bba adu sikutõr kõ nmẽ.</p>
Kupa kre	<p>Kãhã danĩpi za wabu hã nã kmẽ kmãnãrn, dat kmẽ kmãnãr pibumã za wabu sda kanhãrn ãtêhipa psê nẽhã are tapari za wabu wazu are wabui waihõ za tê kukri pês tô bbaihãirê snã za sda rê tê kmã sbirãi pibumã are dat kmãnãr wa za nãmr snã za nõkwa kmẽ kmãnã ãsawre ãsrurê za kmẽ kmãnãrn tô kmã simãzus ze za kmẽ kmãnã.</p> <p>Kãhã tô kupa kre ze, kãnẽ hã nã za nõkwa kupa tê nnĩ pari kre are tapari za nõkwa kupa karẽp are dure kupazu kazat are ãkatuze tô kbazẽĩprãi nĩ kãtõ dure tpe nĩ kãnẽ nãt aimõ Akwẽ nõrĩ krsa kahur, nha za bdã kmã tinẽ dat kmã wazrê pibumã are tapari za nõkwa kupa nnĩ tkrê kmã kre.</p> <p>Tãkã hã danĩpi za wanĩm aikte akrnẽ tê waihuk rowahtu zem aimõ rowahtu kwai nõrĩ tê tmã sakra pês rom krãikrta aimõ wazakrui mnõ pâ krhẽmba mnõ nmẽ tô psê snã aimõ kmã wanõpre mnõ pibumã dazakrui mnõ pâ Akwẽ nĩm tkai wa tô tazi aimõ Akwẽ nõrĩ krsi kburõi mnõ zem wa.</p>
Asasi	<p>Kãhã danĩpi za kwatẽpo nã kmẽ kmãnãrn are dat kmẽ kmãnãr pibumã za sdarã hawi ssui waĩpo sda kmẽ nhã are tapari za ssu wazuin kwatẽpo zõ, are kre da sakra tapari mãtõ kmã sbirãn si kmãnãr pibumã asasi tô nãmr snã za nõkwa kmẽ kmãnã, tô ãstõ ku tê kmã krãinĩstu pibumã.</p> <p>Asasi za pikõi nõrĩ simã kmẽ kmãnã tô kra tkrê nwa kwasar pibumã, asasi wa aikte kwapeĩ psê krtabd, tanẽ waza kmã wasimãsus psên mãtõ aimõ tãkãinĩ danĩpi kãnẽ hã sisturê wazakrui mnõ mba, are tãkã hã danĩpi mãtõ aimõ wakmã krhẽmba.</p> <p>Waza tô wanĩm aikte nõrai mã tãkã nẽhã romkmãdkã wasi ttê nmẽ wat sakra tô rowahtu zem mba waza wanĩm aikte mã wat tmã wasku pês nhanẽ snã nõkwa kmã sipi tãkã nẽhã danĩpi asasi nãhã tô krhẽmba mnõ nmẽ waza wat kmãdkã psên tô wazakrui mnõ pâ.</p>
Ake nãhã nõkwa danõkr wassi ze	<p>Kãhã danĩpi tô ake nãhã nõkwa danõkr wassi ze tê kmẽ kmãnãr pibumã za akã ake sda kmẽ kẽ are tapari za dẽzakrda sda kmãnã are dure sda rok tẽkrê sta pibumã, krẽ sda Har snã za tkai ku rêrê are tapari za ake kburõ tô tkai re za kburõ mãtõ wamrĩ are ãsda hãr si za waĩbu are tokto za ãsda hãri tê krẽpuk tê sakẽ pibumã are dure nrõi hã sda kawazu tê mã sakẽ pibumã kãnẽ snã za tãkã hã nõkwa kmã nĩpi ake nãhã danõkr wassi ze tê kmãnãr da za dure tê sakit smi sdar pi nã tô wẽ pibumã danõk kre wa, Tetõ aimõ adu khẽmba wasi waĩba dazakrui mnõ pâ dasipsê mba Akwẽ nõrĩ krsi psê mnõ wa sakrui mnõ mba.</p> <p>Tõ ahãmã hawi tetõ aimõ krhẽmba ake nãhã danĩpi tetõ dure kmã si kmãdãk nhanẽ snã aimõ rom kmãdkã wa kmã siwa krãm mnõ ze dazakrui mnõ pâ.</p>
Sadu	<p>Kãhã danĩpi tô asadu nãhã, asadu dat kmẽ kmãnãr pibumã za nõkwa ssu sda kanhã are tapari za ssu wazu kwamnõrõ zõ are bbarit sdakro wa kre pibumã kre pari za sda nã, tô sõite sdar pi za tê se ãnãmr zem wa.</p> <p>sadu za dazakrui mnõ mba krda dasipsê mnõ wa za dat kse dakrãi mba tãkã hã danĩpi tô wanõr tê, tô kmã wahẽmba mnõ ze wazakrui mnõ mba kãtõ dure dazakrui mnõ pâ aimõ dasipsê wa adu khẽmba.</p> <p>Tãkã hã danĩpi asadu nãhã waza wanĩm aikte mã wat wasku aimõ nhanẽ krhẽmba mnõ ze aimõ rowahtu ze mba akrnẽ wat tmã wasku pês tô kbure akrnẽ wanĩm rom kmãdkã wasi mã wat kkãr pês tô wanĩm aikte kmã spok pku psê mnõ pibumã tô kbure adu wanĩm rom kmãdkã krhẽmba mnõ nmẽ waza wasi mã wat sakra pês wasi wai mba wazakrui mnõ pâ.</p> <p>Are akrnẽ dure rowahtu ze mba wapte aikte nõrai mã rowahtu kwai nõrĩ ãpto krta nõrai ze mã krsi krẽkõt tê tmã wasku mnõ pibumã nhanẽ kmã danĩpi mnõ ze tô kbure aimõ tô adu wawai bba krhẽmba mnõ nmẽ aimõ wazakrui mnõ pâ.</p>

<p>Wdê nrô rê</p>	<p>Kâhã danîpi tô kwamnrô nâhã,nôkwa tê kmânâr pibumã za ssu das kanhã tô sdarã hawi are tapari za ssu wazu kwamnrô zô tazi mâtô bbarit kre pibumã tazi kwamnrô kre pari za sui rã da hi are rom zakrã re nês kanôr. Wdê nrô rê tô Akwê nîpi, wdê nrô rê tô dapra krtô wassi ze Kâtô dure danmî zu wassi ze, srô kumto rê snã za dure nôkwa kanôr za dure nôkwa kri kahã du ktâpre zum zô tâkã nêhã danîpi wat kâr psê mnô wa tô krwa hêmba mnô ze wat prê pibumã wazakrui mnô pâ. Tâkã hã wanîm rom kmãdkã kbure danîpi nâhã waza akrnê wanîm akte nôrai mã wat sakra pês waza krui wa wanîm wapte aimô kmã spok pku psê mnô pibumã tô kbure wa kwai bba hã wanîm rom kmãdkã krwa hêmba mnô ze waza wat kmã pês tô wat kkâr psê mnô si wazakrui mnô pâ tô wanôr tê nmê tâkã nêhã rom waihku tô dure kmã waprê pibumã wazakrui mnô mba.</p>
<p>Wamrôï ze</p>	<p>Kâhã danîpi tô ssui waipo nã za nôkwa kmê kmãnã are tô sdarã hawi za nôkwa sda kanhã are kwatêpo zô wazu are tapari tê bbarit kre pibumã are tokto tô wdê ware zô za mō are wdê ware tê kukri pês are tokto mâtô tê kmê kmânâr pibumã kmã sbirã are tê krã wasis are kâhã danîpi tô warrî wamrôï pibumã psêd kâtô dure kripra mba hã ropru wamrôï ze tetô aimôwi krhêmba dazakrui mnô pâ tâkã hã danîpi wamrôï ze za dure nôkwa kri kahã ku du ktâprezum zô tô dasa ze tê kmã kadur pibumã are psêd akrnê tâkã hã danîpi wat kmãdkã psê mnô wa dazakrui mnô pâ tô wawai bba krhêmba mnô nmê. ()</p>

Fonte: Adaptado de Brito-Xerente e Sibakadi-Xerente, 2010.

Após resumo em nossa língua materna, o Akwê, farei a seguir a mesma síntese em língua portuguesa, acrescentando alguns comentários sobre a forma de uso dessas peças e às vezes algumas histórias. Para melhor compreensão de como funciona o uso de cada peça, relacionei-o com o cotidiano de meu povo, o qual está intimamente ligado à cultura que o ser humano transmite, mas que só pode existir num processo conjunto, em grupo, em coletividade. A cultura é algo que serve como identificador de cada grupo e tanto o grupo como a cultura são interdependentes (VALE, 2015).

Esteira

Uma das peças que é confeccionada e reúne muita beleza e utilidade é a Esteira (waptâ). A beleza está desde o tipo de fibra utilizado ao trançado, feito habilidosamente. Era na esteira que as crianças indígenas Akwê do passado deitavam-se para ouvir os avós contarem histórias, relatarem os mitos e cantarem canções da tradição. Deitadas em esteiras aconchegantes e com cheirinho da fibra do buriti, as pikon e os ambã olhavam o céu estrelado e ouviam o ancião dizer “vejam ali o Sete Estrelo” e em seguida narrar o mito conhecido dos Akwê, relacionado ao Sete Estrelo.

A esteira é confeccionada desde o tempo dos nossos antepassados Akwê. Atualmente ela ainda é fabricada, porque é uma representação relevante e mantém viva as tradições culturais dos Akwê Xerente. A peça está ligada aos usos e necessidades do povo Xerente dentro da realidade do cotidiano na aldeia. É usada para dormir, para casamentos tradicionais e antigamente era usada nos funerais nas aldeias. O material utilizado para a confecção da esteira é o olho e o broto de buriti e pode ser produzida por homens e por mulheres para uso próprio e para comercialização. A confecção da esteira está relacionada à sustentabilidade cultural do povo Akwê Xerente que vive em aldeias.

O Siknõ ou cofo é uma peça com aspecto de bercinho aconchegante pelo seu formato, e já foi bastante utilizada para transportar bebês. Há inclusive muitas histórias sobre isso. Numa delas, o casal viajou vários quilômetros para visitar parentes em outra aldeia e o bebê foi levado em um cofo. Chegando ao lugar de destino, penduraram-no em uma árvore sob a qual o grupo estava a conversar. Foram horas de conversas, e de repente o cofo começou a balançar. Todos riram muito lembrando que era o bebê que ali estava e havia acordado.

Essa peça muito bela guarda em seu trançado figuras geométricas, tais como ângulos, triângulos, retângulos, linhas retas, dentre outras.

Entre nós indígenas, há peças utilizadas somente pelos homens ou pelas mulheres. No caso do cofo, o que diferencia é a forma de carregá-lo, apoiá-lo ao corpo. Enquanto as mulheres apóiam sua alça na cabeça, os homens colocam-na nos ombros. Numa fala do professor Samuru, da aldeia Porteira Nrozawi, ele afirmou que tem matemática nos artesanatos e que existe geometria no cofo, nas bolsas, nos chapéus e colares, embora não saiba especificá-la¹.

Cofó

O cofo é confeccionado desde os tempos passados pelos nossos avôs e avós Akwê Xerente. É fabricado para suprir as necessidades do povo Akwê nas reservas Xerente porque serve para carregar coisas de uso do dia a dia, frutas, legumes da roça. Também serve também para carregar crianças pequenas. Enfim, tem muita utilidade no cotidiano do povo Akwê e em todas as aldeias Xerente.

Para cada tipo de cofo há uma técnica específica dependendo da sua finalidade e do artesanato que o fabrica. Dentro de nossas tradições culturais, há quatro tipos de cofo:

- Siktõ krtabi: com várias funções de uso, carrega diferentes coisas ou objetos;

¹ Retirada de citação de dissertação de mestrado da professora Elisângela Melo.

- Siktõ nrîrê: usado para carregar crianças e outras coisas ou objetos;
- Siktõ kuzuirê: usado para guardar objetos e pode ter outras funções de uso;
- Skrã: tem também variadas funções de uso, por exemplo, carrega carne de caça e peixe. (Nesse caso, é feito para uso de emergência na mata e usado temporariamente, somente naquele dia).

O cofo é confeccionado cotidianamente pela comunidade Akwê da reserva Xerente para suas necessidades. O povo Akwê o usava muito para carregar objetos quando se mudavam frequentemente de um lugar para outro. O material utilizado na confecção é o broto de buriti retirado dos buritizais, que ficam no brejo. O fabrico começa quando o broto de buriti está úmido e a peça, depois de feita, é colocada para secar ao sol, estando pronta para uso quando está seca.

Arco e Flecha

As crianças Akwê que vivem nas aldeias desde cedo aprendem a confeccionar alguma peça de nossa cultura. Geralmente as primeiras peças que os ambâ aprendem são o arco e a flecha. Esses artefatos eram de uso cotidiano e confeccionados, frequentemente, pelos nossos avôs e avós e atualmente ainda são fabricados pelo Akwê em suas aldeias visando o fortalecimento das tradições culturais da comunidade Akwê das aldeias Xerente.

O arco é feito de uma palmeira chamada pati ou wakro. A matéria-prima é retirada da mata e a transformação da madeira em arco passa por um processo delicado. A madeira do pati é acompanhada por outro material, o taquari, que é denominado tki ou ti, e pela embira, feita da fita e do talo de buriti. O tki enfeita o arco e com a fita se faz a corda do arco. A flecha vem do taquari, e sua ponta é feita com pau-brasil e com vários tipos de materiais.

Esses artesanatos servem como arma para a caça e para a pesca e também serviam como arma de defesa dos Akwê Xerente. Hoje são confeccionados e comercializados pelo povo Akwê Xerente. É importante priorizar esse costume proveniente de um conhecimento único da sociedade Xerente, bem como repassar esses conhecimentos de geração a geração, para jovens e crianças na escola e no espaço livre da aldeia dentro da comunidade Akwê Xerente. O objetivo é dar sustentabilidade à cultura da sociedade Akwê das aldeias, principalmente na aldeia do Salto Kripre.

Patro ou Mocó

Dentre as peças feitas pelo meu povo, o patro ou mocó é uma espécie de bolsa fabricada com o broto de buriti. Existe a versão masculina, de forma retangular na vertical, e a feminina, de formato retangular na horizontal e com adornos em penas e/ou contas de tirica. No dia a dia, o ancião pendura seu patro em algum lugar reservado da casa e é de costume que as pessoas da casa, mesmo a esposa, não mexam nos pertences que ele guarda no mocó.

Esse objeto é fabricado pela comunidade indígena Akwẽ Xerente na reserva. É feito do broto de buriti, que é retirado da mata pelos confeccionadores de artesanato. Essa peça artesanal serve para carregar objetos pessoais e é usada pelas pessoas mais velhas e pelos anciões da aldeia.

Borduna

A borduna é fabricada a partir da palmeira pati e do pau-brasil. Há dois tipos, um de cabeça achatada e outro de cabeça redonda, e ambos são usados pela comunidade Akwẽ. Com as bordunas, nossos antepassados, os mais antigos do povo Akwẽ Xerente, brigavam e batiam, pois, tradicionalmente, são nossas armas de defesa e são muito significativas para nossa cultura. Eram usadas na guerra, embora a peça de cabeça redonda também pudesse ser utilizada para caçar animais na mata. Atualmente esses artesanatos são usados pelas pessoas mais velhas da aldeia ou da comunidade, mas também podem ser comercializados na cidade. A borduna é também usada pelo ancião no cerimonial do casamento.

Todo esse conhecimento relacionado ao artesanato deve ser repassado na escola, em sala de aula, pelos conhecedores e pelas pessoas que sabem fabricar esse tipo de artesanato, que sabem explicar de qual material é feito. Os jovens e as crianças devem saber essa história relacionada à fabricação do artesanato e essa é uma forma relevante de dar sustentabilidade a uma cultura verdadeira e dinâmica, de modo que a cultura na sociedade Akwẽ Xerente sempre se mantém fortalecida.

Rede

A rede, confeccionada da fita de buriti, é fabricada pela comunidade indígena Xerente. A fabricação desse tipo de artesanato passa por vários processos. No primeiro passo, é retirado

o broto de buriti da mata e do brejo, material do qual se faz a rede. No segundo, é retirada a fita do buriti e o terceiro passo consiste na secagem da fita para fabricação da rede. Depois, começa-se a fazer as cordas para iniciar a tecelagem da rede com as fitas ainda úmidas. Em seguida, na continuidade, trançam-se as fitas, processo do qual resultam as cordas. Ao final, tem-se uma peça pronta para ser usada ou comercializada na cidade.

Abanador-Kupãri

O abanador é um artesanato confeccionado do broto de buriti, retirado da mata. O processo para fazer esse objeto começa com o broto de buriti bem úmido que depois é colocado ao sol para secar. Na continuidade, dá-se a fabricação do artesanato, tecendo-se as fitas.

Os abanadores, confeccionados por homens e mulheres, são usados no cotidiano do povo Akwê. A confecção desse artesanato visa a educação na escola e também pode ser praticado no espaço da comunidade, que pode montar uma oficina para a confecção do kupãri-abanador e de outros objetos. O kupãri e outros produtos artesanais podem ser ensinados em sala de aula como uma maneira de priorizar os conhecimentos gerais da cultura Akwê.

Cestinha

Esse objeto é feito da fita de buriti, extraída do broto da palmeira e depois posta ao sol para secar. São confeccionados vários tamanhos de cestas: a pequena, a média e a grande. Cada peça leva um determinado tempo para ser finalizada e as mulheres guerreiras Akwê são as fabricantes desses objetos artesanais.

Lança

As lanças são feitas de pau-brasil pelas mãos da comunidade Akwê Xerente e nas aldeias são fabricadas para uso na caça e na pesca.

A matéria-prima é retirada da árvore de pau-brasil e deixada secar. Depois de seca, são retirados pedaços compridos e começa, então, o processo de lixar a madeira até terminar a lança para poder ser utilizada. Para fazer uma lança se gasta em média três dias até finalizar a confecção desse artesanato.

As lanças também são fabricadas para comercialização na cidade. A confecção do artesanato ajuda a revitalizar os costumes tradicionais do povo Akwẽ Xerente junto aos jovens e crianças no espaço da comunidade, ou seja, nas aldeias.

Esses conhecimentos devem ser repassados para as crianças na escola, pelos professores e pelos anciões, e também no espaço da aldeia chamado warã, local de onde saem os conhecimentos das histórias da origem do povo Akwẽ.

É importante frisar que a confecção do artesanato ajuda a construir uma cultura bem sólida e forte para enfrentar suas transformações no decorrer do tempo e pode ajudar na sustentabilidade cultural, que abrange todos os conhecimentos e que ajuda a comunidade Akwẽ Xerente.

Tapiti

O tapiti é confeccionado do talo da palmeira de buriti. Tem que pegar o material do brejo, eioca, extrair o talo, preparar o talo e depois colocar ao sol para secar.

O talo pode ser tingido com carvão preto para fazer o tapiti colorido. Depois de pronto, o tapiti é usado para secar a massa de mandioca.

Tipoia

A tipoia é feita do broto da palmeira de buriti e fabricada pela comunidade Akwẽ. A tipoia serve para as mães carregarem as crianças. Nem todas as pessoas sabem confeccionar esse tipo de artesanato.

A peça artesanal é importante para a sustentabilidade cultural da sociedade indígena Xerente e para que se mantenham vivos seus costumes tradicionais, suas festas culturais e para que, da confecção do artesanato, se retire sua sobrevivência.

Colar de tiririca

O colar é confeccionado da semente de tiririca, planta encontrada na margem do brejo e na beira do córrego. As sementes são apanhadas na época certa do mês de junho, e agosto é o tempo adequado para trabalhar com elas. Depois de apanhadas, as sementes são colocadas dentro do saco de fibra e no outro dia são dispostas em um varal, em forma de mesa.

Em seguida, as sementes são queimadas, ocasião em que a cabeça delas estoura. Daí são recolhidas e depois peneiradas. Somente são aproveitadas as sementes cujas cabeças estouraram. Após a seleção, essas sementes são furadas com agulhas para fazer colares e pulseiras.

Para completar o trabalho, é retirada a fibra da planta denominada em Akwe *nrõihâ* (tucum rasteiro). Da fita se confeccionam as cordinhas para fazer os colares.

Cocar

O cocar é fabricado com a fita, com o broto de buriti e com penas de arara. Os cocares são confeccionados na comunidade Akwê apenas pelos homens da aldeia. Esse artesanato é delicado e sua feitura exige muita habilidade do artesão.

Os cocares são usados pela comunidade Xerente na nossa festa tradicional, o *dasipê*. Também são usados no ritual do casamento tradicional e nas apresentações de danças culturais fora da aldeia.

É relevante que se continue confeccionando o artesanato tradicional para fortalecer a língua e os costumes vividos pelos antigos Akwê no passado.

Cordinha

A cordinha é fabricada da fita extraída do broto do buriti. Do broto são retiradas as fitas, que são secas ao sol. Depois de secas, pode-se começar a trançá-las. As tranças podem ser coloridas, caso assim se deseje. As cordinhas de broto de buriti servem como pulseiras e são usadas no pulso e no tornozelo e são artesanatos fabricados para ser usados pela comunidade e para comercializar.

As cordinhas são fabricadas pela comunidade Akwê Xerente e o conhecimento da técnica de fabrico deve ser repassado para os jovens e crianças na escola como forma de assegurar a passagem do conhecimento das pessoas mais velhas, o que é muito importante para a comunidade da aldeia.

Vassoura

A vassoura é fabricada a partir das partes úteis do broto da palmeira de buriti retirada do brejo. As vassouras são fabricadas pela comunidade da aldeia, principalmente pelos homens.

A confecção da vassoura se dá pela necessidade de limpar o quintal da casa e também para vender na cidade para ajudar na renda familiar. É muito importante ressaltar o repasse desses ensinamentos para os jovens e crianças para fortalecer os costumes tradicionais.

2.1 A importância dos artesanatos

A confecção de artesanatos por jovens e adultos da comunidade ocorre cotidianamente, mas é importante que ela seja praticada cada vez mais, a fim de preservar costumes e tradições culturais do povo Akwê Xerente. O artesanato traz benefícios positivos para a sociedade Akwê e para a própria imagem da comunidade. Essa é uma forma relevante e benéfica para o povo Akwê e esses conhecimentos devem ser repassados para as crianças e para os jovens na escola, buscando uma melhoria no aprendizado dentro da sala de aula.

Devemos ensinar na escola todos os benefícios do conhecimento, bem como a história e a importância do artesanato na vida dos jovens e crianças da comunidade Akwê, porque uma cultura precisa ter equilíbrio para uma sustentabilidade positiva e saudável.

De maneira geral, as peças do povo Xerente são confeccionadas com materiais retirados da natureza, broto de palmeiras, madeiras, sementes, dentre outros. A borduna é uma peça em madeira que foi muito utilizada pelos guerreiros. Sua utilização na atualidade pelos anciões tem papel simbólico, no sentido de dar certa identidade ao meu povo guerreiro.

É importante que todos esses conhecimentos que envolvem as epistemologias do povo Akwê sejam repassados na escola para os jovens e crianças, para fortalecer nossas origens, para enriquecer as tradições do cotidiano, dos seus avôs e avós. É importante conhecer as raízes ou as origens do povo Akwê.

O artesanato tem sua importância na comunidade Akwê porque é com ele que o povo Akwê secava a massa de mandioca nos tempos de tantas dificuldades em épocas passadas. É relevante que os jovens e as crianças saibam desse conhecimento rico que pode ajudar na sustentabilidade para os costumes tradicionais do povo.

O artesanato é uma forma de mostrar que a cultura não se transforma. Usando cocar nas festas tradicionais dasipê e no casamento no ritual akwê e a confecção e o uso desses objetos

podem promover a sustentabilidade da epistemologia do povo Akwê. Ensinar a fazer o artesanato na escola pode ajudar no enriquecimento cultural do nosso povo e os conhecimentos trabalhados de forma contextualizada podem promover um aprendizado satisfatório e significativo a ser usado pelas novas gerações que estão chegando. No universo em que vivemos, todos esses conhecimentos tornam-se uma ferramenta fundamental a ser usada para a defesa da comunidade e da sociedade indígena.

A confecção do cocar é importante para a sociedade indígena Akwê e pode contribuir para o fortalecimento do cotidiano da vida dessa sociedade que precisa da agricultura, da caça e da pesca para sua sobrevivência, mas também da venda do artesanato e de outros tipos de trabalho.

A confecção de todos os artesanatos, como já dissemos, é relevante para a sustentabilidade da cultura da comunidade, que deve viver em harmonia com suas histórias do passado e que se fortalece com a construção de registro de histórias de suas origens até seu mundo atual vivido na comunidade Xerente. Juntos na aldeia, com jovens e crianças, devemos trabalhar na construção da revitalização dos costumes tradicionais dos nossos antepassados.

É relevante começar a investir em novas estratégias de revitalizar a cultura através do conhecimento contextualizado. Adotar esse sistema para ensinar nas escolas, pelo professor ou professora, é uma forma muito significativa. As crianças podem conhecer desde muito pequenas o universo cultural Akwê, e isso vai ajudar no seu aprendizado em sala de aula, junto aos colegas, e também no espaço da aldeia.

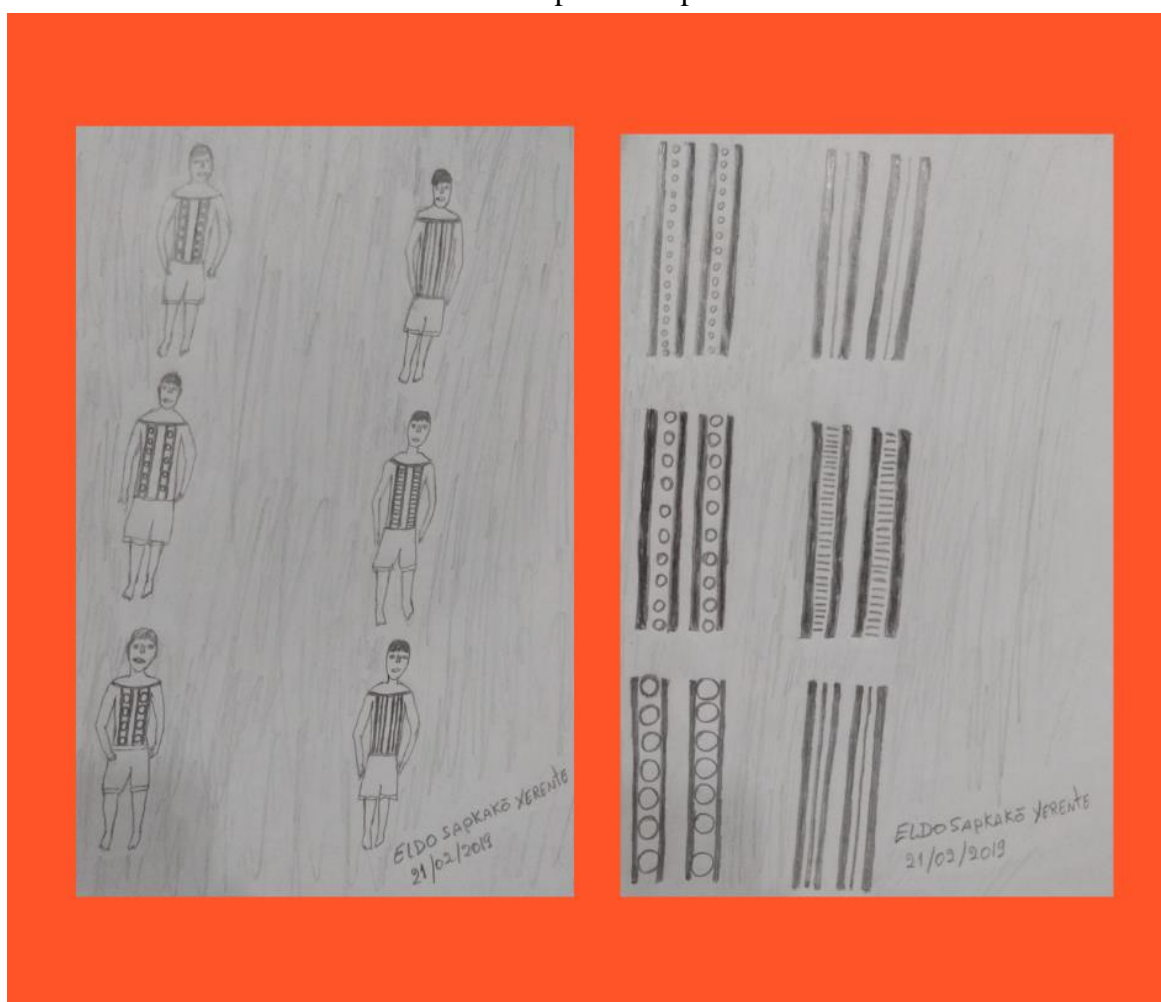
Em síntese, a arte é inerente a todas as culturas, grupos, comunidades e sociedades, pois “na sociedade ocidental é preciso que o artefato não tenha nenhuma outra função além de ser arte de provocar alguma reação ou reflexão estética, para que ele possa, de fato, ser considerado obra de arte” (VIDAL & SILVA, 2004, p. 374). Entretanto a arte indígena não separa sua especialidade do resto da vida. Os indígenas, assim como outros povos não ocidentais, não possuem uma palavra para designar o que chamamos de “arte”. Os indígenas e outros povos não-ocidentais não fazem objetos para serem apenas contemplados. Tudo que fabricam tem que ser bonito e, além de bonito, bom. Em muitas línguas, como a dos índios Xavante, do Mato Grosso, um mesmo termo significa ambas as qualidades; entre os Kaxináwa, do Acre, bom, saudável e bonito são sinônimos (VIDAL & SILVA 2004).

Nesse sentido, o que é bonito é bom, porque foi feito seguindo as regras da cultura, assim, uma pintura facial, ou corporal, como as dos indígenas Akwê-Xerente, é bonita quando reflete o estilo específico do grupo, o desenho certo usado pela pessoa certa, o qual permite

identificar essa pessoa como pertencente a esse grupo, participando integralmente da vida em sociedade. Segundo essa lógica de entendimento dos povos indígenas sobre o que é arte, a pintura facial é usada diferentemente nas pessoas, dependendo do estado de saúde delas.

Melatti (2014) diz que nas sociedades indígenas do Brasil não faltam manifestações de arte, que tomam as formas mais diversas, pois quase todas confeccionam artefatos de penas, em que os estilos divergem. Umas se destacam com a cerâmica, outras em esculturas em madeira, e há aqueles que possuem pintura de corpo elaborada. No caso dos Akwẽ, a pintura corporal é identificadora de cada um de seus clãs, pertencentes às duas metades. No desenho a seguir, apresentamos as pinturas corporais dos clãs, os quais estão organizados em duas metades:

Desenho 1 - Pinturas corporais do povo Akwẽ-Xerente



Fonte: Produzido por Eldo Sapkakõ Xerente em 21 de fevereiro de 2019.

3 A ESCOLA INDÍGENA WAIKARNÃSE E O ENSINO DA ARTE

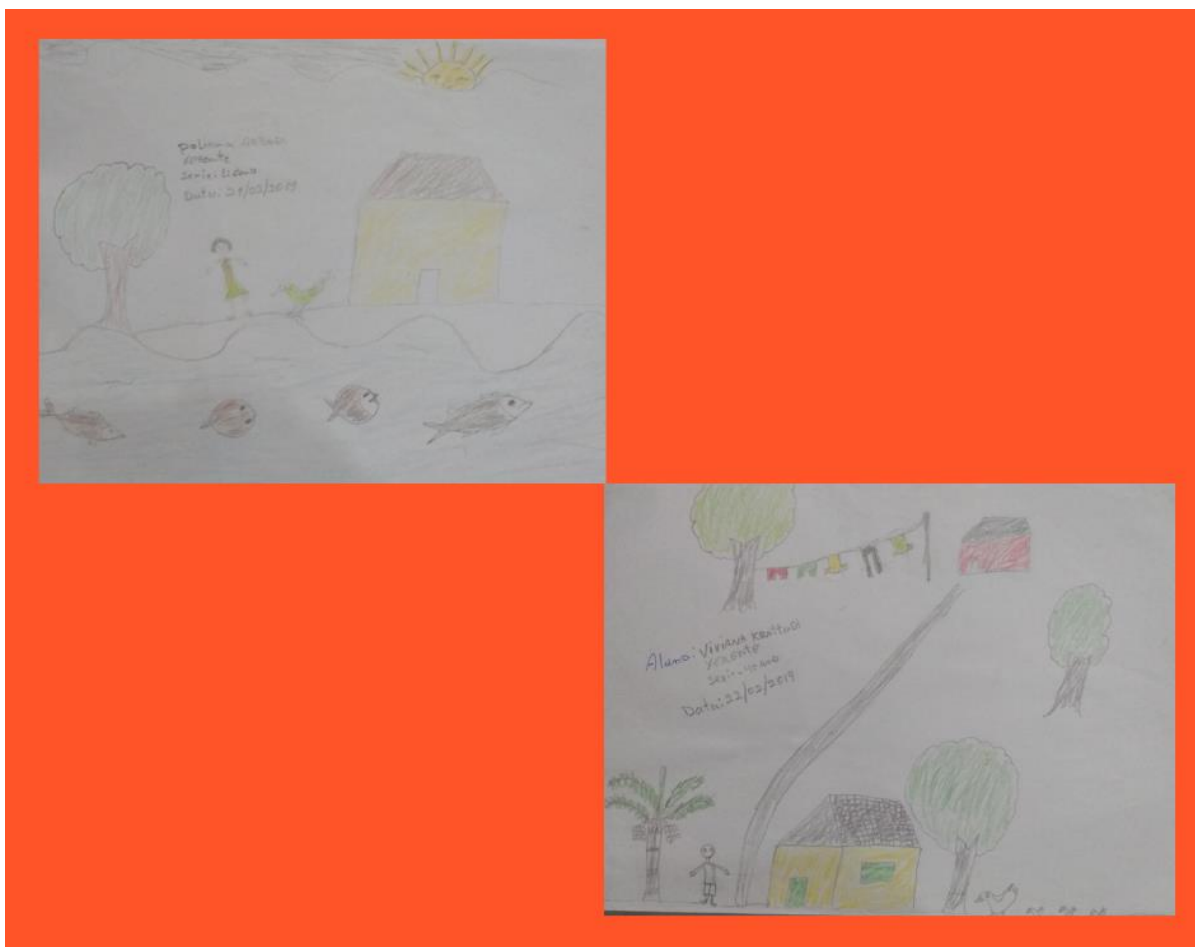
Como falei na introdução deste trabalho, estudei na escola da aldeia Salto, numa fase anterior à construção do atual prédio da escola, e agora tenho filhos que estudam lá. Essa escola

possui um papel importante para nossa aldeia e para outras aldeias que ficam na vizinhança, pelo ensinamento do conhecimento indígena e não indígena. Os anciões fazem parte desse processo de transmissão do saber, na medida em que os professores aprenderam ou aprendem com eles e depois ensinam na escola.

Cotidianamente passo em frente à escola ou avisto-a de minha casa e fico pensando: será que ela mudou em relação ao tempo que estudei? Não há dúvida de que ela não somente melhorou a estrutura física, mas também a educação, como o ensino da arte. No meu tempo, fazíamos desenhos de representação da arte e hoje pergunto-me se houve avanços em relação ao ensino de outras atividades que dizem respeito à arte Akwẽ-Xerente que vão além dessa representação. Para saber sobre isso e sobre outras questões, realizei entrevistas com os professores da escola, as quais serão tratadas neste capítulo. Antes, porém, farei uma breve descrição da escola Waikanãse, situada logo na entrada da aldeia, construída em tijolinho aparente, no mesmo formato de escolas estaduais situadas na cidade e/ou na zona rural.

Sobre a arte das crianças da aldeia, consegui desenhos que elas fazem durante as aulas e que muito se parecem com os desenhos que fazia em minha infância, isso não retira o valor do desenho e pintura feitos pelos estudantes na atualidade, porque desenhar e pintar são atividades artísticas de grande importância, e a escola deve utilizá-los, pois contribuem com a socialização, para a expressão de sentimentos, dentre outras atribuições. Não identifiquei se produzem outro tipo de artes como esculturas, peças em buriti ou em capim dourado, dentre outras. O que é ensinado na escola indígena sobre artes, difere do que é ensinado nas escolas públicas urbanas municipais e estaduais do Tocantins, pelas motivações que professores realizam, no sentido de estimular os alunos a reproduzirem aspectos da cultura indígena.

Desenho 2 - Desenhos de crianças da aldeia Salto Kripé



Fonte: Arquivo de Eldo Sapkakõ Xerente

O prédio dispõe de três salas de aula e uma sala reservada à direção e aos professores, onde também são feitos os serviços de secretaria, com três computadores, e armários de aço para guardar os livros didáticos. Há ainda uma sala para guardar material didático e de limpeza, uma cozinha com despensa para armazenar produtos alimentícios e dois banheiros que seguem o mesmo padrão dos banheiros de escolas não indígenas. Há um pátio bastante amplo para brincadeiras, porém sem piso, cobertura ou árvores.

Na escola foi possível observar uma pequena exposição com artesanatos em buriti (que é a arte com o material tradicional) e em capim dourado, uma arte com material introduzido pela cultura mais recentemente. Verifiquei ainda uma enorme quantidade de troféus que os times da aldeia receberam, inclusive alguns confeccionados em capim dourado.

A escola funciona nos três períodos, organizados assim: nos turnos matutino e vespertino, estudam mais de 100 crianças do 1º. ao 5º. ano da Educação Básica; no período noturno, há 4 turmas da Educação de Jovens e Adulto (EJA), de 1º. e 2º. segmentos, que

atendem não somente os alunos da aldeia Salto, mas também de outras aldeias. Uma das turmas é multisseriada e atende alunos do 1º, 2º, 3º, 4º. e 5º. anos.

Portanto, este capítulo é resultado de questões sobre as quais venho refletindo quando escolhi o tema de estudo em questão: Como a Escola Indígena Waikarnãse pensa o ensino da arte? Como professores e professoras que são indígenas Xerente vivenciaram e concebem a arte indígena desde a infância, na relação com a escola? Vale ressaltar que partimos do pressuposto de que a arte indígena é compreendida como algo belo e de valor utilitário ao mesmo tempo.

Nesse sentido, tive a intenção de verificar se a escola possuía o Projeto Político Pedagógico (PPP) a fim de saber como tal documento trata o ensino da arte na escola. Em consulta aos professores da escola, verifiquei que a escola organiza o processo de ensino-aprendizagem pela Grade Curricular. Mas outras escolas Xerente possuem PPP, como é o caso da Escola Indígena Wakōmekwa, situada na aldeia Riozinho.

A elaboração do PPP é fundamental para a condução do processo ensino-aprendizagem, pois, além de realizar atividades que contextualize a realidade Xerente, a escola poderá programar melhor essas ações. O PPP da escola Wakōmekwa tem como propósito oferecer um ensino de qualidade universal voltado ao respeito à cultura Akwẽ, levando em consideração a formação integral do educando e respeitando a especificidade da educação indígena, exposta no Referencial Curricular para Educação Indígena (BRASIL, 1998). O PPP defende, ainda, que a escola deve pautar-se no ensino voltado à comunidade, ser intercultural, pois deve ter como primícias ser bilíngue/multilíngue; específica e diferenciada.

Com o intuito de valorizar e fortalecer a organização social milenar do povo Xerente, o Artigo 231 da Constituição da República Federativa do Brasil ampara legalmente os índios, citando que “são reconhecidos aos Índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. Levando em consideração a organização social do povo Akwẽ, a memória dos “nossos antepassados” e o respeito pela tradição cultural, por exemplo, não haverá aula quando houver falecimento de Akwẽ, ou seja, um “ente querido”, mas sim, luto pela perda e respeito pela família da pessoa que faleceu, que será registrado em diário escolar como atividades de rituais Akwẽ.

Também o Artigo 215 da Constituição Brasileira (Seção II da Cultura) determina que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. O § 1º

diz que “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.

Com essas prerrogativas, a Escola Indígena Wakōmekwa define alguns critérios para respeitar a cultura do povo Akwê (Quadro 2):

Quadro 2 - Critérios para respeitar a cultura do povo Akwê no ambiente escolar

- 1) Garantir no calendário Escolar da Escola Indígena Wakōmekwa o primeiro ano de alfabetização na Língua Akwê e o segundo ano na Língua Portuguesa;
- 2) Garantir no calendário Escolar da Escola Indígena Wakōmekwa um dia letivo com a participação de ancião (um dia a cada bimestre do ano letivo), onde serão transmitidos conhecimentos tradicionais através da oralidade e observação;
- 3) Garantir uma semana para atividades relacionadas ao trabalho na “roça de toco” na segunda quinzena de junho;
- 4) Garantir no calendário um dia letivo a cada bimestre, com a participação da anciã (mulher pikō), especificamente para as mulheres, quando serão transmitidos conhecimentos tradicionais da mulher Akwê através da oralidade e observação;
- 5) Garantir um dia letivo a cada bimestre, o dia “D” da leitura de textos em Akwê;
- 6) Garantir uma semana para atividades relacionadas ao trabalho de “plantio na roça de toco”, na segunda quinzena de outubro;
- 7) Garantir uma semana de atividades culturais antecedentes à semana do Índio, ou seja, 19 de abril;
- 8) Garantir uma semana de atividades relacionadas ao trabalho na colheita;
- 9) Garantir uma semana letiva para a realização de atividades culturais do Akwê: Corrida de tora – Buriti, nomeação feminino e masculino, competição de arco e flecha, danças culturais – do peixe, do tamanduá, entre outras;
- 10) Garantir quatro dias para desenvolver atividades com a comunidade: dia da caçada; pescaria; Tinguizada (Tpêkwapsi).

Fonte: Adaptado do PPP da Escola Indígena Wakōmekwa.

Na aldeia Salto Kripe, a escola Waikanãse, através dos professores, desenvolve atividades que envolvem o ensino da arte. Por meio de um instrumento de pesquisa, obtive questões importantes sobre esse tema. Comecei incentivando os entrevistados a contar um pouco sobre sua história, principalmente sobre quando e com quem começaram a aprender sobre arte/artesanato e como se deu esse processo. Percebi que todos aprenderam na infância, com os pais, conforme podemos ver nos depoimentos abaixo:

Aprendi com meus pais porque minha mãe também fazia, mas aprendi mais com meu pai. Eles trabalharam muito na roça, além disso incentivaram pegar também essa ferramenta; meu pai não está mais aqui e nos passou sobre artesanato. Ensinou o arco e flecha de madeira, e a confecção de cordas. Estou falando aqui dos homens porque é diferente. Não é de qualquer jeito não. A gente aprende, tem que ser ensinado, tem a (borduna). A mãe fazia de outras artes, tais com as cestinhas. Agora os homens também estão aprendendo, mas a mulher é quem faz, mas sei fazer colar (Professor 1).

Eu aprendi primeiro foi com os meus pais, minha mãe e meus avôs, artes como os cânticos e as danças tradicionais. Depois que eu aprendi a fazer os artesanatos, como

cofo, também aprendi a fazer, costurar cestinhas, e ainda a pintar a pintura corporal com jenipapo e outros materiais (Professora 1).

Conforme verifiquei nas falas dos professores acima, o ensino da arte em família se dá ainda na infância e quem aprende trabalha com o tradicional buriti ou com o capim dourado. Aprende ainda outras artes que não são as materiais, como os cânticos, os mitos, as corridas e outros ensinamentos, que fazem parte do acúmulo de sabedoria que somente os anciões detêm. Mas é importante mencionar que deve haver manifestação de vontade por essa criança ou jovem, interesse em se aprofundar em determinado conhecimento. De acordo com Samuru,

A educação tradicional indígena xerente é função dos mais velhos, transmitir o seu conhecimento sobre a cultura, o respeito, “os anciãos e as anciãs – em relação aos mais jovens, sendo usual que os homens ensinassem os jovens do sexo masculino e as mulheres ensinassem as jovens do sexo feminino” (SAMURU-XERENTE, 2012, p. 23).

No passado mais remoto, o conhecimento era repassado em um lugar de aprendizado, chamado Warã, que em sua forma tradicional foi suprimida, dando lugar a outros sistemas, dentre eles o escolar. Não quero com isso afirmar que não existam outros lugares de aprendizados familiares.

O Warã era composto de várias casas, e cada rapaz tinha sua casinha, onde os jovens Akwê-Xerente aprendiam a educação, o respeito e a valorização da cultura do seu povo. Os meninos entravam no Warã com idade entre 06 e 08 anos, independentemente do clã de seu pai. [...] Nessas ocasiões, os meninos Akwê eram instruídos e disciplinados para alcançar os seis degraus ensinados no Warã, sobre o ritual que o *Sipsa* (rapaz virgem) tinha que passar, que se iniciava pelo degrau ***Kburõipo***, o qual dava a sequência para os outros degraus. Durante o processo de seu aprendizado, os meninos ficavam em reclusão desde o primeiro dia que entravam no Warã, até alcançar o último degrau, chamado ***Krkonĩstuhi*** (SAPARZUZÉ-XERENTE, 2016).

O Warã era o lugar de aprendizado destinado unicamente aos meninos, a academia, onde se ensinava todo o sistema cultural que abarcava a cultura Akwê Xerente, e os *sipsa* (meninos virgens) tinham que aprender música, cantorias do pátio, discursos no seu contexto, conhecimentos de parentesco, respeito e elementos culturais, aprendizagem essas ensinadas ao longo de cada etapa educativa.

Pelo que percebei, o Warã construía uma base sólida para a vida do jovem em comunidade, através do respeito, assim como uma formação que incluía a arte indígena. Por isso, interroguei os entrevistados se havia diferença entre arte e artesanato indígena e obtive as seguintes respostas:

Significa muito pra nós, tem a nossa arte, para nós a arte é a dança, são os cânticos, as posturas corporais; arte pra mim é isso, o que aprendi, tem várias formas (Professor 1).

A arte não tem separação do artesanato. Artesanato é fabricar uma peça, não é arte, é objeto fabricado (Professor 2).

A arte é uma linguagem verbal e cultura , como as danças, cânticos e as brincadeiras e outras etc. (Professora 1).

Arte são os artefatos, os cânticos, as danças, que são repassados de geração em geração, é muito importante para o indígena (Professora 2).

Ao serem questionados se produziam alguma arte/artesanato, e com quem tinham aprendido, os professores responderam:

Com pai/avô bordurnas – minha esposa faz pequenas peças para o caso de comprador. Tipo de madeira de pati e pau-brasil (Professor 1).

Sim, eu aprendi a arte na minha cultura, como as danças e cânticos, o artesanato eu aprendi com a minha mãe e com o meu pai, que me ensinaram a fazer (Professora 1).

Não faço artesanato (Professora 2).

Procurei saber se alguém de suas famílias confecciona arte-artesanato, e pedi-lhes que falassem sobre o assunto. Disseram o que se segue:

Minha esposa, meus pais faziam para guardar e usar. Confeccionam de capim dourado, antes confeccionavam peças de buriti (Professor 1).

Minha irmã é ótima de mandala, ela e minha mãe só fazem mandala (Professor 2).

Sim, todas sabem praticar a arte, também quase todas da minha família sabem fazer, confeccionar artesanato (Professora 1).

Sua irmã Irani guarda o cofo que era de sua mãe, mostra e repassa para sua família (Professora 2).

Embora uma das professoras tenha afirmado não fazer as peças de artesanato, ela ressaltou que aprendeu outros tipos de artes na infância.

Ao perguntar-lhes sobre as peças que confeccionam e quais materiais utilizam, os professores responderam:

O capim dourado foi importante para substituir o buriti, pois utilizávamos somente as fitas de buriti. Isso fez com que o buriti tivesse uma recuperação, já que estava quase em processo de extinção (Professor 2).

Cestinhas, cofo, fruteira, bolsas e chapéus; os materiais são o capim dourado e a fita de buriti (Professora 1).

O cofo, confeccionado da palha de buriti (Professora 2).

Um dos professores ouvidos destacou a importância de o capim dourado ter substituído o buriti, no sentido de que o buriti já entrou em processo de extinção e a substituição por outra fibra fez recuperar em parte os buritizais. Por outro lado, o capim dourado é muito comercializado também em outras comunidades, o que fez com que agora seja retirado antes do tempo de colheita, podendo também entrar em processo de extinção.

Em seguida, questionei os entrevistados sobre como se dá o repasse geracional em família/etnia, dos mais velhos para os mais jovens, em torno da produção artística (ornamentos, artefatos, cantos, danças, por exemplo) e responderam:

Vai ensinando e vendo na festa os anciões no warã, chama os jovens e vai passando o conhecimento; os espertos vão aprendendo. Quando chama os jovens são obrigados a participar, a ouvir o ancião porque é importante, porque ele vai precisar; se não aprender como vai ensinar aos outros? Na festa cultural é obrigada a participação dos jovens.

Meu pai fazia** artesanato; sei fazer flechas, participar, tem uns momentos que só os homens participam. Nosso papel é esse de passar para os alunos da escola qual clã e qual respeito; se não tiver isso vai haver desrespeito; trabalhar na escola para alunos entender melhor (Professor 1).

Minha mãe é guarani, aprendeu a linguagem com os vizinhos e perdeu a linguagem materna por falta de comunicação. Por isso é importante as aulas sobre nossa cultura, pois assim nos fortalecemos e mostramos para os mais jovens ver e darem valor a ela (Professor 2).

A arte está sempre na memória dos mais velhos, que eram e são uma biblioteca para nós, é então dali (deles) que passam esses conhecimentos geracional de gerações em gerações repassados para os mais jovens (Professora 1).
É importante valorizar o que nos é deixado pelos anciões (Professora 2).

Assim, considerando o tema da pesquisa em questão, procurei saber sobre a relação dos professores e alunos com a arte e o artesanato na escola, se ensinam arte e artesanato e como ensinam. Caso ensinem, perguntei sobre a receptividade dos alunos, se fazem diferença entre os dois termos, como ensinam (o que fazem nesse sentido?), o que ensinam e o que pensam sobre a arte e o artesanato indígena. Ainda sobre o repasse geracional, interroguei como percebem a importância dos saberes dos mais velhos para os mais jovens, em especial em relação ao ensino da arte e o fortalecimento da identidade e cultura indígena. A seguir estão as respostas:

O papel mais importante para nós. Antes não existia essa preocupação, mas quando entramos na escola e passamos para os alunos a gente aprende. Antes era só oralmente e agora é escrito. O ancião não vai viver sempre, cada pessoa tem que saber para o clã

onde a gente se identifica – sou krozaké e ele Kubazi, nos conhecemos para ensinamentos –, daí vamos trabalhar na escola o respeito (Professor 1).

O repasse dos antepassados para os jovens é muito importante, principalmente por conta de nossa cultura. Pois sem as histórias dos nossos anciões não saberíamos nossa cultura, leis, entre outros conhecimentos. E aprendendo nossa cultura sabemos nos defender (Professor 2).

Sim, pois é muito importante o ensinamento dos mais velhos para os mais jovens, repassando essa sabedoria para não esquecer de praticar o que temos em nossa tradicional cultura, também o ensino nos fortalece a manter ela sempre viva (Professora 1).

Na escola é ensinado aulas práticas como: dança, cântico e artesanato. fortalecendo assim nossa cultura. É importante valorizar o que nos é deixado pelos anciões (Professora 2).

Então perguntei-lhes sobre a importância da arte indígena para eles, para os alunos e para a comunidade Akwê-Xerente:

Tem um papel muito importante. Cada clã tem a sua pintura, a sua arte; tem uns que não sabem fazer a arte com a pintura, as danças, e tem o artesanato, uns fazem bem feito (Professor 1).

A arte é importante por ser um meio de comunicação com os mais velhos da aldeia. Pois com eles descobrimos nossa cultura artesanal através de festa e educação (Professor 2)

Em relação à questão do tempo de dedicação (dias da semana) para as atividades de arte e artesanato na escola, responderam:

Tinha umas peças de artesanatos aqui na escola, fizemos várias e estavam guardadas, mas a casa caiu; fazíamos com os alunos e eles levavam. A gente chamava os mais velhos para fazer. Geralmente quando estamos no dia 19 de abril, na “semana do índio”, fazemos oficinas. A gente dava um agrado para os velhos, porque leva tempo e dava muito trabalho (Professor 1).

Mais ou menos, por semana 45 minutos por semana são dedicados a esta atividade.

Sim, sempre na sexta-feira, como corrida de taquara, pega-pega, queimada de floresta (Professora 1).

Procurei saber como trabalham a arte na sala de aula. Se já ensinaram alguma criança ou adolescente a confeccionar alguma peça, qual peça e como se deu. Se já exploraram algum ritual e/ou dança, entre outras atividades em que colaboraram com o diálogo sobre o modo de trabalhar arte na escola indígena:

Sempre no 19 de abril na semana cultural vem programado. Meus filhos já ensinei fazer arco e flecha/bodogue/ feito de madeira tipo um arco. Os saberes indígenas, que é uma matéria, os mais velhos ensinavam – fizemos cartazes e desenhos. A gente usa

muito cofinho usando a matemática/a***; tem que ser toda certa; se não for não sai certo. Quantos cofinhos foram feitos? Nossa contagem é até 4 e *** aprender as contas vai o português – através do artesanato (Professor 1).

São os professores, precisavam ter na mente um computador. Pois sabiam de tudo da dasipê, por saber o cronograma tudo de cabeça (Professor 2).

Questionei os entrevistados se a arte ajuda a trabalhar algum conteúdo específico e qual e como. Pretendia saber como os alunos recebem as atividades com arte, se gostam ou desgostam. Se se engajam nas atividades. Se há mudanças em relação ao comportamento e ao aprendizado quando se trata de metodologias mediadas pelo trabalho com arte:

Tem uns que não gostam por terem dificuldade. Porque é difícil para confeccionar. Através da escola a gente identifica muitos alunos que não entendem o que é arte, outros já sabem. Percebi que alunos que não querem escrever/ler e *** fez o desenho, ele incentiva ele a escrever e a gente identifica (Professor 1).

Com relação ao conhecimento sobre alguma lei dedicada ao ensino de artes e artesanato indígena e se acham importante que ela seja regulamentada, disseram:

Acho que é muito importante, e a lei serve para lembrar para não esquecer e a gente ia esquecer. A escola e a lei é para fazer trabalho com aluno. A lei incentiva e esclarece *** seja valorizada, se não tiver lei acha (Professor 1).

É importante sim, artigo que reforça a arte dando importância à cultura.

Eu não conheço a lei, não tive o acesso, se há ainda não vi (Professora 1).

Com relação ao conhecimento deles sobre algum livro didático que aborde a questão da arte indígena ou se trabalham com esse material, disseram:

Sim, o dicionário traz os nomes do artesanato na língua Akwê, pouco, mas tem (Professor 1).

Não conheço, não trabalhei (Professor 2).

Sim, tenho um livro da professora Rosalina Sibakadi Xerente, nesse livrinho tenho muitas coisas sobre de ensino de arte, também em outros (Professora 1).

Não tem livro (Professora 2).

Indagados sobre as principais dificuldades em trabalhar arte na escola indígena, com base em suas experiências, responderam:

Buscar no mato o material, a pessoa que não vai tem mais dificuldade, por isso a gente chama os mais velhos (Professor 1).

Existe sim, matemática, português, inglês não tem manual, já arte eles não têm dificuldade (Professor 2).

Os alunos acham muito bom, eles ficam alegres e animados com as atividades. Pois eles ficam tão comportados enquanto estão fazendo as atividades aplicadas (Professora 1).
Não tem dificuldade (Professora 2).

Por fim, questionei sobre o que não pode faltar no trabalho com arte na escola indígena:

Materiais e o conhecimento (Professor 1).

Principalmente o cântico – não sei todos, e as crianças não sabem nenhum dos cânticos de festa, as crianças não sabem nomeação masculina e feminina. Principalmente o cântico – não sei todos e as crianças não sabem nenhum dos cânticos da festa de corrida de tora. E as crianças não sabem da nomeação masculina e feminina e acho que tem que sair da escola, é o mais importante, eu ligava o som dizia que o que mais importava, escrevia e mando eles catarem – festa indígena quando acontece é de ano em ano. Tem o discurso que é diferente fala/ tipo casamento/ batismo/ conflito interno (Professor 2)

É o material indígena (Professor 2)

4 EPÍLOGO: A COLHEITA DO BURITI: MODOS DE FAZER E ENSINAR

A arte indígena Xerente possui diferentes formas de manifestações, dentre elas o artesanato, que possui grande importância para minha comunidade. Além de sua beleza, seu valor utilitário, o artesanato ainda gera renda que faz muita diferença para nós, principalmente na vida das mulheres, que são as responsáveis pela maior parte da confecção das peças. Apesar de os homens também confeccionarem, as mulheres são as maiores produtoras das peças em capim dourado e em buriti. Foi o buriti que deu origem ao trançado que hoje temos nas peças inovadas com outra fibra, que é o capim dourado.

O buriti possui uma importância imensa para nós Akwẽ, povo indígena do Brasil Central, do Cerrado brasileiro, dele utilizamos o fruto, o tronco (para a corrida de tora) e a fibra (para confecção dos artesanatos). Ouvindo minha mãe, observei que ela traçou todo o percurso de como produzir uma peça feita em buriti. Segue, de acordo com ela, todo o processo:

Sempre são os mais velhos ou jovens adultos que levam as crianças para colher o buriti ou o talo na mata, nas margens dos rios ou brejos.

Os lugares onde ficam os buritizais são um desafio muito grande de alguém chegar até o pé de buriti, um desafio enfrentar a mata, há muita sujeira, ou muitas lamas, ou águas. Pois são nesses locais que ficam muitos pés de buritis. Antes de coletarmos os brotos no “olho” de buriti nós coletamos os frutos do buriti caídos no chão de palmeiras mais velhas, com mais de 10 metros de altura.

Após a corta para coletar os brotos, os “olhos”, nós voltamos para casa; é comum retirar e colocar as fitas dos brotos para secar ao sol, em varais bem próximos da casa. A fita é muito importante ser colocada no sol para secar e ficar bem limpinha, “branca”, se não forem colocadas ao sol, as fitas ficam muito sujas, não ficam boas, com cor bem “branquinha”. Fazendo assim elas ficam muito boas e bonitas.

Depois de secar, a fita será retirada do varal do sol, e já está pronta para ser utilizada, para confeccionar, produzir alguma peça com a fibra de buriti. Com ela são feitos vários enfeites costurados por nós mulheres, e fabricados de vários tamanhos de cestinhas.

Com a fita de buriti são construídas, feitas por nós mulheres, ou até alguns dos homens sabem também trabalhar, como fazer algumas peças artesanais com a fita de buriti, para costurar é utilizada uma “agulha” que é comprada na cidade.

Os artesanatos são feitos com a fibra ou com o talo de buriti, e com as fitas são feitas: cestinhas, fruteiras, cordinhas, chapéus, redes, e o cocar, entre outras peças.

Com o talo de buriti são confeccionados, produzidos o cofo, o abanador de abanar o fogo, o tapiti de enxugar a massa de mandioca, o balaio de guardar objetos ou até roupas, o quibano de soprar o arroz pisados no pilão, entre outros objetos.

Também na hora que estamos fazendo algumas peças sempre nós, as mães, ensinamos para os nossos filhos ou netos, repassando esses conhecimentos para as nossas crianças, para que elas possam, no futuro, também saber confeccionar como a gente. Ensinamos para que possam passar para as gerações futuras, principalmente eu ensino para os meus filhos e netos; enquanto no momento estou ali costurando, eu chamo as crianças para ficarem perto de mim, e eu falo para prestarem bem atenção ali enquanto estou fabricando as peças.

Depois de tudo pronto, os enfeites são colocados em locais bem seguros, em cima, que são sempre colocados nos sacos de plásticos ou de fibras, onde ficarão prontas para serem vendidas, comercializadas. Algumas vezes os compradores vêm até aqui

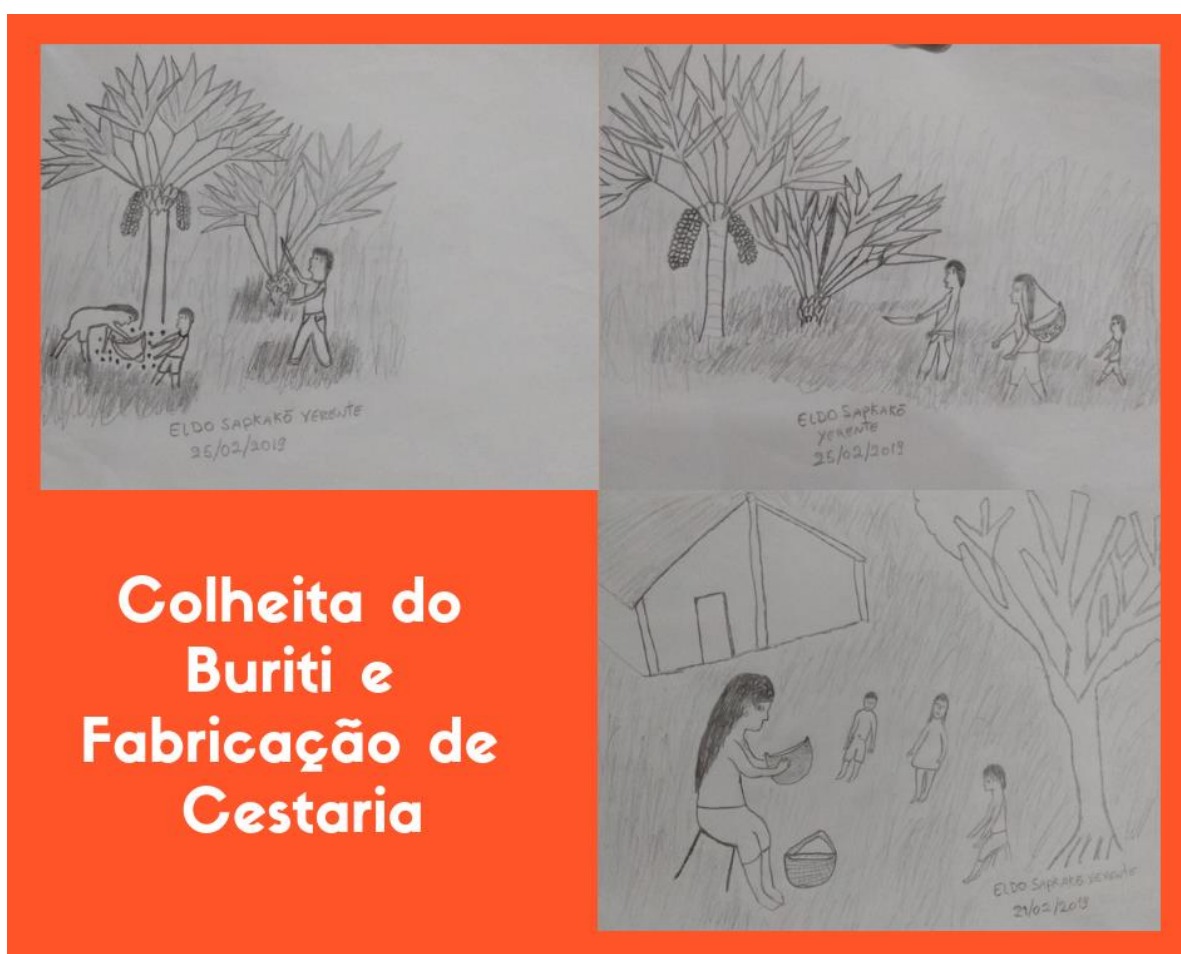
na aldeia comprar os enfeites, os artesanatos. Também levamos até a cidade para vender.

Portanto, o pé de buriti era e é muito importante para nós, dali cultivamos para a nossa sustentabilidade, fazemos os nossos enfeites como artesanatos, colhemos as frutas quando estão caíndo do pé para comermos, nós atamos os frutas de buriti. Não só nós que comemos, os animais também comem, gostam das frutas.

Então, não podemos cortar o pé de buriti, podemos preservar o que temos, que serve para todos nós, são muito importantes para a natureza, deve ser preservado.

(Entrevista com Jurenia Kubadi Xerente, anciã e minha mãe. Tem 57 anos e fala de sua experiência).

Desenho 3 - Representação da colheita de buriti e confecção de artesanato



Fonte: Arquivo pessoal de Eldo Sapkakõ Xerente

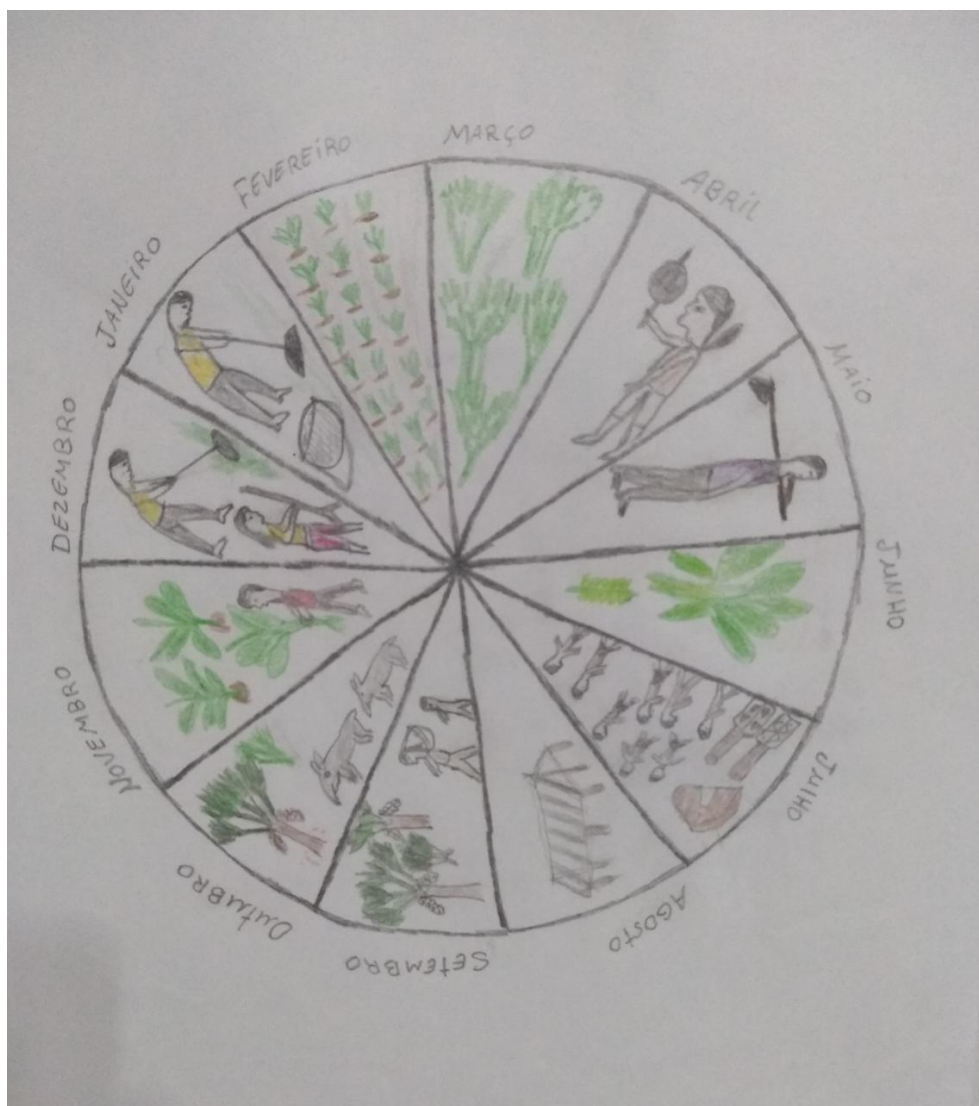
A produção de uma peça em buriti é bastante complexa, desde a sua colheita até a fase final de confecção, mas no final a confecção de uma peça é gratificante porque reúne muita arte e beleza.

Entre nós, Xerente, há tempo específico para cada coisa, tempo de colher o buriti, tempo de plantar na roça, tempo de colher, tempo de festejar, tempo de realizar nossas festas, tempo de retirar a palha, tempo de cobrir nossas casas, tempo de pescar, tempo de caçar. Com base

nisso, idealizei uma espécie de calendário, a partir do que ouvi dos anciões, sobre esses diferentes tempos, em cada mês do ano.

O desenho a seguir vai demonstrar o que falei acima e dialoga com os ensinamentos passados pelos anciões Elpidinho Srêmtôwê Xerente; Valdir Sitmõwê Xerente; Abrão Sumêkwa Xerente; Iranir Tpêdi Xerente e Jurene Kubadi Xerente (Figura 1):

Figura 1 - Calendário anual de atividades dos Xerente



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Para plantar os legumes, os plantios na roça, primeiro começamos a brocar, e depois de tudo ser brocado esperamos ficar bem seco para pôr o fogo, normalmente no mês de *setembro*. Também antes de ser colocado o fogo, é preciso fazer o asseio ao redor da roça evitando que o fogo não ultrapasse a mata ou florestas da natureza, senão queima em outras partes.

Depois das queimadas, e só juntar os paus ou garranchos do que não queimou bem, ou cortar e juntar, fazer coivara e queimar. Pois agora é só esperar as chuvas. Nas segundas chuvaradas boas, aí começamos a limpar, a preparar a terra para o plantio.

Nos meses de *outubro e novembro* é tempo de plantar os legumes na roça e já podem ser plantados o milho, o arroz, a batata doce, o andu, a abóbora, o feijão de favas e bananas, entre outros.

Nos meses de *dezembro, janeiro e fevereiro*, pode-se plantar somente o arroz, o milho, o feijão e, também, a mandioca, os quais produzirem com mais rapidez, pois é o tempo das chuvas. Se forem plantados no mês de *abril*, eles não produzirão para colher bem os legumes das roças, devido ao término das chuvas e a entrada do verão. As plantas ficam todas murchando, as folhas ou até morrem por falta da chuva.

Quando plantamos mais cedo, nos primeiros meses de chuva, colhemos mais cedo também, portanto temos que saber o tempo de plantio, quando podemos plantar a mandioca e o milho que é até no mês de *março*, que dá para colher bem. Também sempre tem que estar cuidando ali, limpando, capinando com as enxadas, deixar no limpo as plantas.

Depois de plantar, espera-se nascer as plantas que foram plantadas e também se começa a limpeza de acordo com os matinhos nas plantações. Para as limpações, não temos meses certos, e nem as datas marcadas; elas são limpas de acordo com as matas nas plantações, quando são plantadas em meses de *outubro e novembro*, pois então no mês de dezembro já será o tempo de limpar. A partir daí, vai-se limpando até ficar no ponto de colher o que foi plantado.

Nos meses de *setembro e outubro*, tem as frutas de buriti caindo dos pés, e aí são colhidas por nós, e também tem alguns animais e pássaros que gostam, se alimentam, quando é o tempo da fruta de buriti.

As palhas e os talos e também o tronco de buriti servem para tirar as fitas, que são tiradas em qualquer mês do ano, não tendo meses próprios, adequados para que sejam retiradas. É tirado tudo de acordo com o que nós precisamos para fazer algumas peças artesanais e também tiramos quando é dia, porque tem mais sol e fica melhor para andar nas beiras dos córregos e nos brejos com o tempo de sol bem claro.

No mês de *abril*, o 19 é um dia muito especial para todos nós povos indígenas do mundo, embora já estivéssemos aqui quando os portugueses chegaram. A celebração é pela “descoberta pelos portugueses”, mas também é reconhecida internacionalmente como o dia do índio. No entanto, todos os dias são nossos dias, pois nesses dias nós do povo Xerente celebramos

com cânticos, danças, corridas com as toras. Os mais velhos ensinam repassando os seus conhecimentos de saberes para aos mais jovens, no pátio.

No mês de *maio*, é tempo de nós, comunidade Xerente, irmos preparar, limpar as vazantes nas margens da beira do rio Tocantins, é o tempo, a época de plantar as melancias e o feijão, pois elas dão as frutas muito bem, só com a friagem da noite. É nesse tempo que elas dão bem os seus frutos, e colhemos bem.

No mês de *junho*, é tempo em que já temos cachos de bananas do que foi plantado, e também o andu e o feijão fava já estão prontos para serem colhidos e depois é só servir a comida.

Julho é o mês preferido da festa tradicional cultural (Dasipê) para nós, comunidade Xerente. Todos os nossos filhos, netos, alunos, estão de férias da escola, assim como os funcionários também. Por isso, os mais velhos (os anciões), juntos com a comunidade da aldeia, decidem as datas de início e fim da festa.

No mês de *agosto*, nós, comunidade xerente, não podemos mexer com a cobertura da casa, mas somente com a armação da casa ou palha. Os mais velhos dizem que se cobrir a casa no mês de agosto ela poderá ser queimada pelo fogo. Já aconteceu isso muitas vezes em que fizeram as suas casas nesse mês.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, em que parti de questões como: Por que estudar a arte indígena? Como a arte ajuda a contar a história do meu povo? Qual o lugar da arte na escola indígena? Inicialmente percebi a importância de destacar, entre as motivações encontradas neste estudo, um pouco de minhas memórias quando criança e jovem morador na aldeia Salto Kripe. Em minhas recordações, está minha convivência com o aprendizado da arte que tive com meu pai, desde as primeiras peças confeccionadas, uma vez que os pais costumam ensinar aos filhos meninos, e as mães ensinam as meninas a produzirem as primeiras peças.

O conhecimento aprendido por uma criança Xerente se dá também durante as festas e outras cerimônias que ocorrem na aldeia. Rememorei essa minha formação, pois observava o que os anciãos faziam e ensinavam em termos de sabedoria e arte: os cânticos, os discursos, os rituais, as festas do Dasipê e outros aprendizados. Com isso, posso afirmar que o papel dos anciões no repasse geracional de nossa cultura continua vivo, indispensável, considerando que são eles os guardiões do conhecimento, da cultura e da tradição.

Ainda rememorando ou mesmo observando os mais velhos confeccionando ou desenvolvendo algum tipo de arte, pude identificar que há um processo de ensino-aprendizagem embutido, na medida em que os mais jovens observam, participam, aprendem e depois reproduzem.

Em minha infância em família e na vida em comunidade, vivenciei a arte em formas diversas. Já nas escolas por onde passei, falar em arte ocorria somente através de representações em desenhos.

Em minhas observações junto à escola, constatei que o seu formato obedece ao mesmo das escolas não indígenas convencionais. Nesse sentido, o próprio modelo de escola, padronizada e ainda sem paredes claras, e sim com tijolos aparentes, não contribui para deixar os espaços mais bonitos, com aspecto de uma escola em que os próprios alunos possam expor seus talentos, em desenhos nas paredes, por exemplo, como ocorre em outras escolas indígenas.

Nesta pesquisa identifiquei que na vida cotidiana, no dia a dia da comunidade, ocorreram mudanças, tendo em vista que a sobrevivência dos Akwê não é mais voltada somente para o que vinha da terra, do rio, da mata. A cada dia é possível ver mudanças, advindas das relações com a cidade e a sociedade nacional. Numa dessas relações, se destaca a produção de arte e artesanato em capim dourado, uma nova fonte de renda e sustentabilidade da maioria das famílias, que envolve principalmente as mulheres.

A língua materna ainda se mantém viva entre nós, motivo pelo qual procurei respeitar e manter alguns textos na primeira língua, o Akwẽ, com a tradução para a segunda língua, a portuguesa. Grande parte das peças confeccionadas em buriti ainda é produzida em menor quantidade, após a introdução do capim dourado, considerado mais vendável.

Na opinião de um dos professores que me deu entrevista, essa substituição foi muito importante para que o buriti, já quase em extinção, pudesse se revigorar. Embora haja o risco de o capim dourado passar pelo mesmo processo de extinção, tendo em vista uma maior procura pela matéria, não somente entre a comunidade Xerente, e porque alguns grupos fazem a colheita antes da época propícia. Ressalte-se ainda que a mudança para outra fibra não implicou em abandono do trançado milenar; o que houve foi a adoção de outros materiais e também de formas e formatos.

Uma escola indígena Xerente que possua sintonia com a comunidade e respeite a cultura e a tradição deve levar em consideração alguns critérios, como os que foram identificados no PPP da escola Wakômekwa, da aldeia Riozinho. Pelo que pude perceber, na elaboração do PPP da escola houve um esforço coletivo no sentido de harmonizar o que é o calendário escolar com a vivência do povo Xerente, com respeito à língua Akwẽ, à cultura, à tradição e aos modos de vida, sendo assim garantidos o primeiro ano de alfabetização na língua Akwẽ e o segundo ano na língua portuguesa.

Ainda em relação à cultura e à tradição, o documento garante um dia letivo com a participação de ancião (um dia a cada bimestre do ano letivo), onde serão transmitidos os conhecimentos tradicionais através da oralidade e observação. Ainda em respeito aos modos de vida, é garantida uma semana para as atividades relacionadas ao trabalho na “roça de toco”, na segunda quinzena de junho, e uma semana de colheita. Outras atividades, que também são mencionadas, contam com a participação da anciã (mulher pikõ), especificamente para as mulheres, onde serão transmitidos os conhecimentos tradicionais da mulher Akwẽ através da oralidade e observação.

Dessa forma, o encontro entre o cotidiano da comunidade e a escola, como espaço formal de aprendizagem, é fundamental para aprender sobre nossa arte, apropriar-se dela, para levá-la à frente como sinônimo de beleza, resistência e existência dos povos indígenas. Esse encontro torna rica a vida em comunidade e a vida na escola e nos faz forte – crianças, jovens e anciãos, homens e mulheres – para seguir afirmando que nossa arte é nossa cosmologia, e que a arte não é apenas o artesanato, o objeto, mas também nossas relações, nossos modos de ser, viver e fazer as coisas. Enfin, arte indígena é a vida indígena.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosemary Negreiros de. **Os Territórios, os modos de vida e as cosmologias dos indígenas Akwe-Xerente, e os impactos da UHE de Lajeado.** Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia). PPG/UFC, Fortaleza, CE, 2016.

BOSI, Eclea. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. **Dispositiva**, V. 1, Nº 2, ago/dez, 2012.

LIMA, Layanna Giordana Bernardo. **Os Akwê-Xerente no Tocantins:** território indígena e as questões socioambientais. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.

MEDINA, Maria Aparecida da Rocha. **Encontros e desencontros na educação escolar indígena:** Estudo sobre práticas educacionais de professores indígenas Xerente. UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE, UFT, Palmas: 2013.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil.** 9ª Ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2014.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SAMURU-XERENTE, Antônio. **A educação tradicional dos Akwê-Xerente e a educação escolar indígena deste povo.** 2012. 43 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Tocantins – Campus de Miracema – Curso Pedagogia, 2012.

SAPARZUZÉ-XERENTE, Néilson. **A EDUCAÇÃO INFANTIL DO POVO INDÍGENA AKWÊ-XERENTE: da perspectiva familiar à educação escolar.** Miracema do Tocantins, TO: Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia. UFT, Câmpus de Miracema. (UFT), 2016.

SIBAKADI –XERENTE, Rosalina Marinho. **O Artesanato Xerente.** Monografia de conclusão de curso de licenciatura intercultural indígena, UFG, de 2010.